



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FLÁVIA GABRIELA MESERLIAN

**MOTIVAÇÃO E AUTOCONCEITO DE ALUNOS COM
SOBREPESO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Londrina
2019

FLÁVIA GABRIELA MESERLIAN

**MOTIVAÇÃO E AUTOCONCEITO DE ALUNOS COM
SOBREPESO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha Avaliação Psicológica e Processos Clínicos (Linha 1).

Orientador: Prof. Dra. Katya Luciane de Oliveira.

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M578 Meserlian, Flávia Gabriela .
Motivação e Autoconceito de Alunos com Sobrepeso no Ensino Fundamental II / Flávia Gabriela Meserlian. - Londrina, 2019.
87 f.

Orientador: Katya Luciane de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, , 2019.
Inclui bibliografia.

1. Motivação - Tese. 2. Autoconceito - Tese. 3. Obesidade - Tese. 4. Educação - Tese. I. de Oliveira, Katya Luciane. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. . III. Título.

CDU 159.9

FLÁVIA GABRIELA MESERLIAN

**MOTIVAÇÃO E AUTOCONCEITO DE ALUNOS COM
SOBREPESO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha Avaliação Psicológica e Processos Clínicos (Linha 1).

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Katya Luciane de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Silvia Nogueira Cordeiro
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Sandra Aparecida Pires Franco
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 11 de novembro de 2019.

Dedico este trabalho a Deus que sempre me mostrou que todas as fases da minha vida têm um propósito maior e esta dissertação foi uma dessas fases que eu tive que passar.

AGRADECIMENTOS

Para começar meus agradecimentos, gostaria de dizer que este período do Mestrado foi repleto de descobertas em um momento da minha vida que não foi fácil. Mas hoje, entendo que foi necessária essa jornada na qual eu cresci e desenvolvi diversas áreas, além de ter aprendido neste tempo.

Meu primeiro agradecimento, como tudo na minha vida, é para Deus. Eu sei que tudo o que vivemos nesta vida tem um motivo que Ele mesmo planejou e estar concluindo esta etapa é porque Ele estava presente, me dando direção, sabedoria, ânimo e ideias.

Agradeço a minha orientadora, Katya, que me deu um voto de confiança ao me escolher, me auxiliou em todo o processo de orientação, me deu amparo quando eu precisei, me mostrou o caminho certo para realizar tudo com exatidão e qualidade. Foi uma honra ser orientanda desta professora.

Gostaria de agradecer às professoras Silvia e Sandra pela contribuição que fizeram para o meu trabalho, foram peças importantes para conclusão da pesquisa e também aos professores e colegas que me acompanharam nesse período.

Um dos meus maiores agradecimentos é para os meus pais, Maurício e Irene. Eles sempre se esforçaram muito para me dar o melhor estudo e o término desta pesquisa é só um pouco da enorme e eterna gratidão que tenho pelo tanto que já fizeram. Obrigada por sempre estarem comigo, por me levar para Londrina, por não me fazer desistir, por sempre batalharem por mim. Nossa união é incrível e é algo pelo que eu me orgulho demais.

Agradeço também ao meu namorado, Geovane. Começamos a compartilhar a vida dias antes de ter passado no processo seletivo para o Mestrado. Então, toda a vivência que tive neste período, ele esteve presente, principalmente me incentivando quando precisava de forças para

continuar. Obrigada por sempre querer o meu melhor, e principalmente, por me completar em tudo.

Gostaria de agradecer a todos meus amigos que estiveram comigo nesta caminhada, me animando, perguntando como estava o andamento da minha pesquisa e querendo saber mais sobre o tema, principalmente meus colegas de trabalho da NeuroSaber.

Quero agradecer a escola que eu fiz a coleta de dados. Eles foram incríveis e solícitos, especialmente a Marly. Nunca vou esquecer o quanto eles contribuíram para minha pesquisa e espero que este sentimento seja recíproco.

E por último, meu agradecimento especial vai para minha vó Ivete. No primeiro ano do Mestrado tive que passar dias com ela no hospital, momento no qual ela nos deixou. Uma das pessoas que sempre esteve ao meu lado. Então, o meu agradecimento eterno e único é para ela, que me apoiou, me deu forças e que eu sei que estaria muito orgulhosa de estar concluindo mais esta etapa comigo. Terminar este mestrado com certeza tem muito significado para o que eu passei nos últimos dias de vida dela.

Meserlian, Flávia Gabriela. **Motivação e autoconceito de alunos com sobrepeso corporal no Ensino Fundamental II.** 87 f. 2019. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

No que se refere ao ambiente escolar, especificamente se tratando do aprendizado dos alunos, percebe-se a importância de entender o que motiva este indivíduo a realizar suas atividades escolares. Relacionando a motivação dos alunos em aprender com a saúde dos mesmos, tem-se que o número de crianças e adolescentes com obesidade aumentou nas últimas décadas, sendo assim, este sujeito está exposto a diferentes formas de interações, e, principalmente, sujeito a sua forma de se ver. Esses fatores levam a questionar se a motivação, o autoconceito e a obesidade podem ter alguma relação entre si, se alunos obesos tendem a ser motivados independente desta condição ou se ocorre desmotivação por meio da autopercepção que estes indivíduos têm do próprio corpo. Com isso, o objetivo deste trabalho é verificar a motivação para aprender e o autoconceito de alunos com obesidade infantil. Participaram 413 alunos entre 10 a 16 anos de idade do Ensino Fundamental II. Foram aplicados três instrumentos, sendo: o questionário de Percepção Corporal, o questionário de *Continuum* Infantil e Escala de Autoconceito Infante-Juvenil (EAC-IJ). A coleta de dados foi realizada de forma coletiva, com duração de 30 minutos. A análise dos dados foi feita com estatísticas descritivas e inferencial, além de utilizar as descrições, testes de diferenças e de correlações. Os resultados mostram que o número de obesos está crescendo consideravelmente, verificando a relação da percepção corporal e a fase do desenvolvimento em que esse aluno se encontra, além de constatar que os mesmos não possuem auxílio em relação às suas questões corporais. Percebe-se que há a prevalência da Motivação Identificada, sendo que a autonomia em realizar as atividades cresce conforme esse aluno eleva de ano escolar; e do Autoconceito Pessoal, o que mostra o bem-estar da amostra. Os dados indicam também que a desmotivação pode estar relacionada ao autoconceito familiar, assim como a motivação intrínseca e o autoconceito geral. Sendo assim, se faz necessário a verificação de todas as questões que estão presentes neste cenário, principalmente em relação ao aluno.

Palavras-chave: educação; ensino fundamental; obesidade; motivação; autoconceito.

Meserlian, Flávia Gabriela. **Motivation and Self-concept of Students with Overweight in Middle School.** 87 p. 2019. (*Masters Dissertation in Psychology*). State University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

When referring to the school environment, specifically to students' learning, one realizes the importance of understanding what motivates this individual to perform their school activities. Relating the student's motivation of learning with their health, it has been found that the number of children and adolescents with obesity has increased in recent decades, so this subject is exposed to different forms of interactions, and especially undergo their own way of seeing. These factors lead to the question whether motivation, self-concept and obesity may have any relation with each other, if obese students tend to be motivated regardless of their condition or if there is demotivation through their self-perception of their body. Thus, the objective of this paper is to verify the motivation of learning and the self-concept of students with childhood obesity. 413 students between 10 and 16 years old from Middle School participated. Three instruments were applied: The Body Perception Questionnaire, the Continuum Infant Questionnaire and the Child-Youth Self-Concept Scale (EAC-IJ). Data collection was performed collectively, lasting 30 minutes. Data analysis was performed with descriptive and inferential statistics, in addition of using descriptions, difference and correlation tests. The results show that the number of obese is growing considerably, verify the relationship of body perception and the stage of development that this student is in, and find that they have no help in relation to their body issues. It is noticed that there is a prevalence of Identified Motivation, and the autonomy to perform the activities grows as this student rises from school grade; and Personal Self-Concept, showing the welfare of the sample. Data also showed that demotivation may be related to family self-concept, as well as intrinsic motivation and general self-concept. Thus, it is necessary to verify all the issues that are present in this scenario, especially regarding the student.

Keywords: education; middle school; obesity; motivation; self-concept.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de questão a partir da Escala de Motivação.	49
Figura 2 - Resultado das perguntas relacionadas a variável Desmotivação.....	55
Figura 3 - Resultado das questões relacionadas a variável de Regulação Externa.	55
Figura 4 - Resultado das questões relacionadas a variável de Regulação Introjetada	56
Figura 5 - Resultado das questões relacionadas a variável de Regulação Identificada.....	56
Figura 6 - Resultado das questões relacionadas a variável de Motivação Intrínseca.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Porcentagem de Obesos por Região do Brasil	21
Tabela 2 - Distribuição dos participantes por ano escolar.....	47
Tabela 3 - Classificação pelo IMC	47
Tabela 4 - Distribuição de nota que os participantes deram a sua satisfação corporal.....	52
Tabela 5 - Parte do corpo que os participantes gostariam de mudar	53
Tabela 6 - Distribuição dos Resultados da Escala de Autoconceito	58
Tabela 7 - Resultados do Teste Média <i>post-hoc</i> de <i>Tuckey</i>	59
Tabela 8 - Regressão linear para Autoconceito	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABESO	Associação Brasileira para o Estudo de Obesidade e Síndrome Metabólica
ANOVA	Análise de Variância
BPNT	<i>Basic Psychological Need Theory</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEBQ	<i>Children's Eating Behavior</i>
CET	<i>Cognitive Evaluation Theory</i>
CRP	Conselho Regional de Psicologia
COT	<i>Causality Orientations Theory</i>
EAC-IJ	Escala de autoconceito Infanto-Juvenil
EAVAP-EF	Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental
ECHO	<i>Ending Childhood Obesity</i>
EFAC	Escala Feminina de Autocontrole
EMAC	Escala Masculina de Autocontrole
ESI	Escala de <i>Stress</i> Infantil
ETPC	Escala de Traços de Personalidade para Crianças
GCT	<i>Goal Contents Theory</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IELP	Inventário de Estilos de Liderança de Professores
IMC	Índice de Massa Corpórea
IPSF	Inventário de Percepção de Suporte Familiar
OIT	<i>Organismic Integration Theory</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
RMT	<i>Relationship Motivation Theory</i>

SDT	<i>Self-Determination Theory</i>
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TDE	Teste de Desempenho Escolar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	DESENVOLVIMENTO	18
2.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBESIDADE NO BRASIL	18
2.1.1	A Obesidade E As Transformações Do Corpo	24
2.2	PESQUISAS ACERCA DA OBESIDADE INFANTIL NA ESCOLA.....	26
2.3	MOTIVAÇÃO PARA APRENDER.....	29
2.4	TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO	32
2.4.1	Pesquisas Sobre a Motivação Para Aprender na Teoria da Autodeterminação	36
2.5	AUTOCONCEITO	39
2.5.1	Pesquisa Sobre Autoconceito No Contexto Escolar Brasileiro.....	42
2.6	OBJETIVO GERAL	46
2.6.1	Objetivos Específicos.....	46
2.7	MÉTODO	46
2.7.1	Participantes	46
2.7.2	Instrumentos.....	48
2.7.3	Procedimento De Coleta De Dados	50
2.8	ASPECTOS ÉTICOS	50
2.8.1	Riscos E Benefícios	51
2.9	RESULTADOS.....	51
3	CONCLUSÃO	61
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICES	78
	APÊNDICE A - Questionário de Percepção Corporal	79
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	80
	ANEXOS	83
	ANEXO A - Questionário de Continuum Infantil	84

1 INTRODUÇÃO

Ao ponderar sobre padrões sociais historicamente impostos, percebe-se que na atualidade as pessoas têm buscado, de certa forma, desvincular-se do que até então era considerado fora de um determinado padrão, e tentado garantir a liberdade de expressão de modo geral, sendo esta relacionada à plena garantia de o indivíduo se aceitar independentemente da cor, etnia, gênero, ou aparência, incluindo o peso corporal, possibilitando melhor qualidade de vida. Observa-se, nesse contexto, que as mídias sociais contribuem para que os setores de *marketing* de empresas de grande e pequeno porte contratem pessoas para serem atores em propagandas que se assemelham mais com os padrões de beleza socialmente construídos, aproximando-se do expectador e, de certa forma, influenciando na vida deste sujeito.

Em contrapartida, tem-se que essa pessoa considerada fora do padrão estabelecido pela sociedade, seu modo de viver e sua subjetividade, muitas vezes entra em conflito com a aceitação e com a realidade, sendo árduo o enfrentamento desta situação na vida. Dentre tantas questões que podem ser destacadas e aprofundadas em estudos teóricos e/ou práticos, observa-se a questão do sujeito que não se encontra em um padrão pré-determinado de normalidade corporal, pessoas que são colocadas como acima do peso considerado normal para determinada faixa-etária, ou mesmo as pessoas que não passaram por uma avaliação, mas ainda assim são consideradas, de certa forma, fora deste padrão. Pode-se dizer que da mesma maneira que se fala mais sobre a autoaceitação hoje, o número de pessoas com obesidade vem aumentando consideravelmente por inúmeras questões que serão apresentadas no capítulo sobre este tema.

Consta-se que não são apenas pessoas adultas que estão enfrentando este problema. O número de crianças e adolescentes que estão passando por essas questões que envolvem o indivíduo tanto no físico, como no psíquico, está fugindo da normalidade também, o que leva, segundo Braz e Castro (2016), o Brasil a tornar esta questão uma situação de cuidado para a saúde pública. Além de ser um alerta público, é preciso notar como este adolescente ou criança

com obesidade está aparecendo em seus contextos sociais, afinal, ele está inserido em sua família, e, principalmente na escola, ambiente em que a convivência com o considerado diferente é um desafio ainda maior. Isso leva a questionar como é a permanência deste indivíduo neste local de estudo e suas relações com este ambiente, se há diferença deste sujeito em suas atividades e como ele se sente quando no enfrentamento deste cotidiano. Não há evidências de muitos estudos que relacionam a subjetividade deste sujeito que está apenas começando a vida com este problema chamado obesidade, fazendo então não ter meios como ajudar e intervir nestas situações de modo a contribuir na formação deste indivíduo, auxiliando não somente nas questões físicas, mas buscando promover a qualidade do sujeito como um todo, de forma integral.

Discute-se a questão da subjetividade de crianças e adolescentes com obesidade há anos, mas pouco se tem feito em relação a isso, afinal, quantas crianças e adolescentes neste meio termo sofrem nas escolas com alguns apontamentos de seus colegas, e, na maioria dos casos, não se levantam soluções para tais problemas? E a maioria destas falas estão relacionadas a alguma diferença física que a pessoa possa ter. Estudar e levantar possíveis problemas sobre o tema obesidade relacionados à escola podem subsidiar em apoio e respostas que contribuirão futuramente, não apenas como escola, mas na forma como o sujeito vai lidar e perceber a si mesmo.

Por entender a obesidade como fator que pode estar entrelaçado com questões escolares, nesta pesquisa houve o interesse em estudar esta possível relação, ao levar em consideração as questões motivacionais dos alunos que não se encontram em um padrão. Para isso, indagou-se se realmente há diferenciação dele em relação aos demais, ou se não acontece este fenômeno, principalmente quando observa-se sob a ótica do próprio aluno e sua percepção sobre si mesmo, tentando, de forma cautelosa entrar neste assunto, que muitas vezes, pode ser delicado de se tratar, ou seja, emergindo o tema de forma consciente para que não ocorra riscos psicológicos aos envolvidos neste processo.

No primeiro capítulo foi abordado a temática da obesidade, considerações acerca desta doença em relação a realidade brasileira e outros aspectos que podem estar vinculados ao tema, além das questões que envolvem indivíduos que estão nesta situação. O segundo capítulo tratou sobre conceitos de motivação escolar, o que seria a motivação quando relacionada ao aprendizado de uma pessoa, quais os processos que estão vinculados na motivação ou não de um aluno com respaldo da Teoria da Autodeterminação e o terceiro capítulo envolveu as questões do autoconceito do indivíduo, o que seria este autoconceito e os aspectos que constituem o mesmo.

Ao final de todos os capítulos foram apresentadas pesquisas em relação a cada temática como forma de mostrar o que tem sido pesquisado até então. Após a exposição destes temas, serão esclarecidos os objetivos e os métodos que nortearam os processos da pesquisa e que pontuaram os resultados, conclusão e por fim, as considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBESIDADE NO BRASIL

De acordo com o Documento do Consenso Latino Americano de Obesidade (1998), a obesidade tornou-se uma epidemia global, um fator grave para ser observado na saúde pública. Nesse ínterim, autores como Souza, Guedes e Benchimol (2015) definem a obesidade como uma doença crônica relacionada a quantidade excessiva de gordura corporal presente em uma determinada parte do corpo humano ou encontrada em seu todo. Para o Ministério da Saúde (2018), a obesidade pode gerar riscos à saúde, fazendo surgir complicações metabólicas.

Não há uma origem específica para esta doença, ou seja, existe um conjunto de fatores que pode fazer o indivíduo evoluir para um quadro de obesidade, podendo ser oriundo de questões biológicas, sociais ou emocionais. Segundo Damiani, Damiani e Cominato (2015), há dois tipos de definições para a obesidade, sendo elas: a endógena, ocasionada por fatores biológicos, como por exemplo, lesões no sistema nervoso central; e a exógena, no qual a pessoa ingere mais alimentos do que o necessário para a manutenção da sua energia.

Assim como em qualquer outra doença, para classificar um indivíduo como obeso é necessário passar por avaliações e diagnosticá-lo mediante os resultados obtidos. Neste caso específico, de acordo com Souza et al. (2015), os principais meios de verificar é de acordo com uma anamnese, averiguando as medidas antropométricas, ou seja, a altura e o peso, além das suas medidas circunferenciais de cintura e quadril. Entretanto, a forma mais utilizada de diagnosticar um indivíduo obeso é pelo Índice de Massa Corpórea (IMC) que segundo o Ministério da Saúde (2019), foi criado no século XIX por Lambert Quélet e trata-se de um cálculo que divide o peso em quilogramas pela altura em metros ao quadrado (KG/M^2). Há três classificações de obesidade de acordo com o IMC, sendo: a obesidade grau 1, entre 30 a 34,9 kg/m^2 , com risco moderado; a obesidade grau 2, entre 35 a 39,9 kg/m^2 , que classificam como

grave; e, por último, a obesidade grau 3, maior que 40 kg/m² que é considerada muito grave. Entretanto, para diagnosticar crianças e adolescentes de 2 a 18 anos são utilizados pontos de corte do IMC internacionais e existem diferenças entre meninos e meninas. Há também outras formas de diagnosticar um obeso, como Zanella e Filho (2015) apontam, pela bioimpedância elétrica e por meio das medidas de dobras cutâneas.

Observa-se que há várias doenças que podem se relacionar com a obesidade, Mancini (2015) cita as principais funções no corpo humano, tais como, sistema cardiovascular, respiratório, digestivo, reprodutivo, endócrino, nervoso, dermatológico, neoplasias e funções psicossociais, além de enfatizar doenças como diabetes, infarto miocárdio, síndrome metabólica, osteoartrose, vesícula biliar, pancreatite aguda, doença hepática gordurosa não alcoólica e depressão. Por ser considerado um assunto de interesse público (Terres et al., 2006), notam-se diversos programas, mundiais e nacionais, para auxiliar pessoas com obesidade.

Em âmbito mundial, pode-se citar um exemplo, um *site* chamado *Obesity Day*, criado em 2015 pela *World Obesity Federation*¹ para incentivar soluções de vida saudável e tentar reverter o quadro de obesidade que está presente nos tempos atuais, em especial, no dia 11 de outubro, que é considerado o Dia Mundial da Obesidade. Tal data tem como frase principal a ideia de tratar a obesidade agora para remediar futuras consequências. Em 2017, eles criaram infográficos para um número relativo de países, alertando para a intervenção no combate a obesidade.

Todos os anos, este *site* faz uma campanha de conscientização mundial sobre a obesidade. Em 2017, a prioridade deles foi mostrar ao governo e a provedores de serviços de saúde a necessidade de investimento para o combate à obesidade, não apenas ao tratamento, mas na intervenção precoce. Para isso, foi mostrado que a tendência é ter 2,7 bilhões de pessoas com sobrepeso e obesas no mundo até 2025 e se não houver uma política de combate a

¹ Disponível em: <<https://www.obesityday.worldobesity.org/>>. Acesso em: 11 jun. 18.

obesidade, estima-se um gasto de 1,2 trilhões de dólares por ano em tratamentos relacionados diretamente a esta doença. Mostrou-se também que se houver investimento para interromper o aumento da obesidade, haverá uma diminuição de 25% na mortalidade por doenças não transmissíveis (DNTs). Para isso, foram apontados três estratégias de ação, sendo: a primeira, o apoio mediante a tratamentos para pessoas que estão obesas; a segunda, a intervenção precoce com apoio de profissionais de saúde, serviços de controle de peso, apoio pessoal, familiar, escolar; e a última estratégia seria investir na prevenção para que reduza a necessidade do tratamento.

Em 2018, a campanha foi sobre a gravidade e a diversidade do estigma do peso, sendo a mídia uma das principais fontes desta situação, pedindo para que a mesma retrate a obesidade de forma clara e informativa. Definiram que o estigma é a forma de tratar negativamente os indivíduos por conta do seu peso. Sendo assim, apontaram três estratégias para a redução deste problema. O primeiro diz respeito a mídia e o abandono de uso de imagens e linguagens negativas sobre a obesidade, além disso a conscientização que existem várias formas de estigma do peso e tendo este entendimento será mais fácil de evitá-lo. A proposta de ações governamentais para melhorar o ambiente coletivo ao invés de focar na responsabilidade e culpa individual e por último, o reconhecimento de profissionais da saúde em relação aos ambientes que causam a obesidade, melhorando o suporte do diagnóstico ao tratamento.

Ao se verificar os planos nacionais pode-se citar que, em 1986 foi criado no Brasil a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (ABESO), que tem como objetivo divulgar para a sociedade, cientificamente, informações sobre a obesidade e os questionamentos que rodeiam este tema, tais como: diagnóstico, prevenção e complicações que um indivíduo com excesso de peso pode passar com respaldo na ética ao abordarem os mesmos. Segundo o mapa da obesidade ABESO (2009), 50% da população brasileira está com fatores associados a sobrepeso e obesidade.

A ABESO (2009) divulgou dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dos anos de 2008/2009, mostrando que a prevalência da população obesa está nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, além de verificar que 15% da população infantil tem esse diagnóstico. A seguir será exposto na Tabela 1 as porcentagens de obesos de acordo com as regiões do Brasil:

Tabela 1.
Porcentagem de Obesos por Região do Brasil.

Região	Infantil (5-9 anos) %	Infantil (10-19 anos) %	Adulto %
Sul	35,9	24,6	50,0
Sudeste	38,8	22,8	50,4
Centro Oeste	35,1	22,1	48,3
Norte	25,6	17,4	47,2
Nordeste	28,1	16,6	44,4

Fonte: ABESO (2009).

Ao considerar estas porcentagens, nota-se que a obesidade na infância e na adolescência é um problema grave e que vem crescendo nas últimas décadas (Kobes, Kretschmer, Timmerman & Schreuder, 2018). De acordo com Damiani et.al. (2015), 60% a 80% das causas podem ser explicadas por fatores hereditários, mas o que chama a atenção é o aumento deste número de acordo com: as mudanças ambientais; em relação aos responsáveis pela criança; a sociedade onde ela pertence; e os espaços recreativos que a mesma tem. Oliveira e Fisberg (2003) argumentam que o aumento do consumo de alimentos de alto fator calórico e a redução de atividades físicas propiciaram o agravamento deste quadro. Os autores relatam que as doenças associadas à obesidade infantil mais comuns são: dislipidemia, hipertensão e intolerância à glicose.

Um estudo feito por Terres, Pinheiro, Horta, Pinheiro e Horta (2006), na cidade de Pelotas, mostrou que o nível de escolaridade pode influenciar nas chances de o adolescente ter sobrepeso ou obesidade por apresentar pouca instrução sobre o assunto, além de apresentar que

há mais casos de obesidade em meninas mais novas. Mostrou também que adolescentes com transtornos psiquiátricos menores tiveram menor probabilidade de obesidade, além de fatores familiares, como a criança que tem pais com problemas de obesidade.

Em relação a obesidade infantil e na adolescência, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018) criou um plano com os colaboradores Peter David Gluckman e Doutora Sania Nishtar, chamado *Ending Childhood Obesity* (ECHO). Essa comissão discute meios e estratégias para o fim da obesidade infantil, averiguando possíveis intervenções para a luta contra a obesidade, e assim, entregando relatórios para a OMS, o que proporciona discussões sobre o tema na Assembleia Mundial da Saúde. A OMS (2016) por meio do ECHO aponta em seus relatórios que havia 41 milhões de crianças e adolescentes obesas no mundo.

Há vários aspectos interligados à obesidade, como o fato de que atualmente há mais facilidade no manejo das refeições por ter mais praticidade, entretanto a qualidade da alimentação da sociedade vem piorando devido a este mesmo fator, o que corrobora com o agravamento do número de obesos a nível mundial, já que estas comidas contêm deficiência nutricional (Santos & Scherer, 2014). De acordo com Moura (2010), as mídias estão influenciando socialmente as pessoas desde muito novas em seus hábitos, inclusive alimentares. Muitas crianças permanecem expostas a comerciais que ofertam alimentos, o que pode acarretar em uma aprendizagem informal de hábitos não saudáveis na alimentação destas pessoas, pelo fato de serem mais vulneráveis.

Sendo assim, de acordo com Duré et al. (2015), observa-se que além destas influências que a mídia pode proporcionar à criança e ao adolescente, outro fator que corrobora ao aumento da obesidade infantil mediante a este tema é o tempo que passam assistindo televisão. Há um investimento de tempo nesta atividade que poderia ser utilizado de forma que auxiliasse na promoção da saúde por meio de atividades físicas. Um estudo feito por Pelegrini, Silva e Petroski (2008), com adolescentes entre 14 e 16 anos de percentil considerado abaixo do peso

e percentil considerado acima do peso esperado para a idade, indica que adolescentes considerados acima do peso ficavam mais tempo em frente à televisão, o que leva a um quadro de sedentarismo e uma possível relação entre obesidade e tempo gasto em frente à televisão. Cruz, Castro, Pereira, Souza, Amorim e Reis (2017) relacionam estes aspectos ao fato deste indivíduo passar a maior parte do seu tempo realizando atividades em que não há movimentação do corpo fazendo reduzir seu gasto energético diário.

Há uma divisão proposta por McNeal (2010) sobre o comportamento consumidor infantil. Segundo o autor divide-se da seguinte forma: primeiro a observação, quando por volta dos dois meses, a criança começa a frequentar estabelecimentos comerciais; o segundo é o pedido, iniciado aos dois anos, no momento em que a criança gesticula um pedido sobre o que é observado; a partir dos três anos e meio é a fase da seleção, quando a criança consegue retirar por conta própria os produtos da prateleira; aos cinco anos e meio, considera-se a compra assistida, mediante ao auxílio dos pais, a criança faz sua primeira compra; e, por último, a compra independente, a partir dos oito anos, em que a mesma compra sem a supervisão de pais ou responsáveis.

O mercado de publicidade investe consideravelmente em propagandas que propiciam um ambiente altamente propenso para a obesidade, dificultando a aderência de crianças e adolescentes a escolhas mais saudáveis. De acordo com Moura (2010), esta realidade está presente no Brasil. Um estudo feito pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo apontou que entre 1998 e 2000, cerca de 57,8% dos comerciais apresentados de produtos alimentícios eram considerados prejudiciais à saúde. Outro dado interessante é que em 2005, foram investidos 1 bilhão de reais em propagandas com estes tipos de produtos.

Felippe (2003) problematizou a obesidade com a representação social que o comer tem na contemporaneidade, que pode gerar questões de preconceito, discriminação e exclusão social. Sendo assim, Almeida, Oliveira e Vieira (2008) argumentam que a obesidade pode

proporcionar problemas relacionados a questões psicológicas, devido a percepção da imagem corporal. Por existir a busca de um corpo considerado ideal, percebe-se que a obesidade está fadada de condições sociais negativas, o que segundo autores pode levar a discriminação e a insatisfação. Ao se tratar de adolescentes, Freitas et al. (2017) apontaram que há a probabilidade de aumentar o índice de depressão, ansiedade e distúrbios alimentares já que estes estão submetidos ao que os autores definem como “injustiças sociais”, como, por exemplo, as discriminações na escola.

Rentz-Fernandes et al. (2017) constataram que a depressão e a autoestima estão relacionadas à percepção corporal e não ao resultado do IMC, além de concluir que crianças com sobrepeso e obesas têm mais insatisfação corporal. Aqueles que se auto avaliaram estar com a saúde a desejar obtiveram maior tendência à depressão e com baixa autoestima. Levando em consideração estes resultados, Freitas et al. (2017), sugerem que adolescentes submetidos a um tratamento multidisciplinar, principalmente ao serviço de aconselhamento psicológico, podem ter progressos positivos na promoção da qualidade de vida deste sujeito.

Tendo em vista estes aspectos, verifica-se a importância de averiguar mais pesquisas acerca desta temática no Brasil, especificamente no contexto escolar, que segundo Duré et al. (2015) é um local propício para intrigar discussões sobre o tema. Isso porque se trata de um ambiente que possui interações entre pais, professores, além de ser aliado na promoção e prevenção da saúde.

2.1.1 A Obesidade e as transformações do corpo

Sabe-se que a adolescência é uma fase do desenvolvimento em que o sujeito passa por diversas mudanças, tanto físicas quanto psicológicas, levando em consideração que neste período ocorre uma transição significativa entre a infância e a fase adulta. Segundo Barros, Piekarski e Regina (2017), o indivíduo busca em seu meio social, como familiares, amigos e

por meio da mídia social, desenvolver seu comportamento para ações futuras, ou seja, pode considerar que estas questões contribuem para a formação de opiniões, preferências, formas de alimentação, como cuidar do corpo, entre outras práticas. Pode-se considerar então que a percepção da imagem corporal é construída durante toda a vida do sujeito, entretanto é relevante entender que principalmente nesta fase, essa construção pode ser mais assídua, por considerar que esta percepção é feita por meio de experiências e sensações internas e externas (Barros et al., 2017).

Segundo La Taile, Oliveira e Dantas (2019), um autor que pode contribuir nesta perspectiva social relacionado ao desenvolvimento humano é Vigotski. Sua fundamentação básica permeia o fato de que o sujeito se constitui a partir da sua relação com o outro e suas funções psicológicas superiores é construída ao longo desta trajetória em que o ser humano percorre durante a vida, para isso, o desenvolvimento psicológico não pode ser definido em relação a fatores biológicos, principalmente ao sistema nervoso, mas sim a fatores sociais.

Desse modo, o indivíduo pode estar, ou não, satisfeito com a sua percepção corporal, de acordo com o que compreende ser um padrão. Segundo Neves, Cipriani, Meireles, Morgado e Ferreira (2017), a avaliação negativa do próprio corpo ocorre por este indivíduo não reconhecer e não se enquadrar em um modelo, principalmente por levar em consideração a tendência cultural. Um estudo feito por Leite, Ferrazzi, Mezadri e Höfelmann (2014) mostra que ao avaliar a percepção corporal, encontraram como resultado crianças que não estavam satisfeitas com o corpo, mas ao perguntar diretamente para as pessoas, observaram que há negação desta insatisfação corporal.

Deparam-se então com o que Barros et al. (2017) chamou de rejeição desta percepção corporal, que pode ser resultante de diferentes fatores, mas em especial, observa-se a prevalência da obesidade neste aspecto, sendo assim, a obesidade está ligada a fatores da percepção corporal do sujeito. O alto índice de pessoas com obesidade levou a população nas

últimas décadas a se preocupar mais com a imagem corporal, o que levou as crianças e os adolescentes a terem inquietação neste sentido. Além disso, os meios de comunicação influenciaram bastante nesta concepção de corpo ideal, o que leva esses adolescentes, muitas vezes, a fazerem restrições alimentares severas, que não são saudáveis para o corpo em si. Mas principalmente por desencadear em outros tipos de transtornos alimentares que são doenças também passíveis de serem verificadas e oriundas desta percepção corporal (Oliveira et al., 2019).

Segundo Nogueira-de-Almeida et al. (2018), o sexo feminino sofre com maior constância a pressão se seguir este padrão ideal, tornando a percepção corporal distorcida e negativa, que podem influenciar em outras questões da vida desta pessoa. Outro fator agravante deste contexto se dá pelo fato de entender principalmente que esta pessoa que é obesa pode sofrer *bullying* nas escolas, a saber, a sátira de pessoas relacionadas a algum atributo físico de alguém que segundo Paini et al. (2018), pode contribuir nesta insatisfação corporal, além de queda de rendimento escolar. Deste modo, esta construção que o indivíduo faz sobre si mesmo é importante para a colocação dele em diversas esferas da vida e essas transformações corporais são significativas ao se tratar de pessoas desta faixa etária.

2.2 PESQUISAS ACERCA DA OBESIDADE INFANTIL NA ESCOLA

Ao analisar estes fatos, notou-se a necessidade de buscar pesquisas que falassem deste tema em *sites* de revistas científicas. Sendo assim, foram analisadas as publicações presentes nas seguintes bases: *Scielo*, *Capes* e *Pepsic*, utilizando os seguintes descritores: Obesidade, Infantil e Escola. Como forma de observar os estudos mais recentes realizados na área, foram lidos artigos dos últimos 5 anos.

No *Scielo*, a pesquisa foi realizada da seguinte forma: colocou-se no campo de pesquisa os descritores Obesidade *and* Infantil *and* Escola, na forma de procurar todos os índices, em

seguida, foram filtrados para pesquisas no Brasil e nos últimos 5 anos. Ao todo foram encontradas 13 pesquisas. No Pepsic a pesquisa foi feita no formulário básico com as palavras-chaves Obesidade *and* Infantil *and* Escola no campo “todos os índices” e foram encontrados 3 artigos. Na Capes, a busca foi feita no índice que se chama Busca por Assunto, no item Busca Avançada da seguinte forma: Qualquer – é (exato) Obesidade Infantil *and* qualquer – é (exato) Escola. Em seguida, foi refinada para periódicos revisado por pares, dos últimos 5 anos com o Idioma em português, resultou em 33 artigos. Pode-se concluir que foram encontradas 49 pesquisas relacionadas ao tema, entretanto serão descritas neste trabalho 4 pesquisas que são relevantes para este estudo, pois tratam de questões da obesidade no ambiente escolar relacionadas a questões psicológicas e do desenvolvimento. Estas pesquisas serão apresentadas em ordem cronológica.

Miziara e Vettore (2014) constataram em seus estudos “Excesso de peso em escolares: percepções e intercorrências na escola”, como alunos obesos percebem sua própria obesidade. Para isso, foi feita uma avaliação antropométrica, a aplicação da Escala de *Stress* Infantil - ESI (Lipp & Lucarelli, 2005), além de oficinas lúdicas. Iniciou-se com 622 alunos para a avaliação antropométrica, que foram classificados em eutróficos, pré-obesos ou obesos. Dentre esses participantes, 60 alunos foram classificados obesos, sendo 32 escolhidos aleatoriamente, mas apenas 23 receberam consentimento dos pais e dentre eles, apenas 19 compareceram às atividades. Foram feitas cinco oficinas com duração de aproximadamente duas horas e trinta minutos, sendo o quarto encontro a aplicação da ESI. Os resultados obtidos foram que entre os 622 alunos avaliados, 10% estavam obesos e a prevalência estava no Ensino Fundamental 2 e em meninos. Dentre os 19 participantes, 21% apresentaram indicadores de stress. Outros pontos a serem mencionados são os sentimentos em relação ao seu peso com prevalência de tristeza e raiva, além de relatarem episódios de *bullying*.

Passos, Gigante, Maciel e Matijasevich (2015) avaliaram em sua pesquisa “*Children’s eating behavior: comparison between normal and overweight children from a school in Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil*”, a diferença no comportamento alimentar infantil em relação ao seu estado nutricional, idade e sexo. Foi feito em uma escola privada de Pelotas, no Rio Grande do Sul, com 335 alunos entre as faixas etárias de 6 a 10 anos, utilizando subescalas de um questionário chamado *Children’s Eating Behavior (CEBQ)*, além do IMC pela idade dos participantes. Os resultados mostraram mais alunos com sobrepeso do que com obesidade, além de observar que os mesmos tinham pontuação maior nas subescalas de “interesse pela comida” e menor de “desinteresse pela comida” comparados com aqueles considerados em seu peso normal. Conclui-se então com estes resultados que os fatores de sobrepeso e obesidade têm relação com comportamentos alimentares.

Reis, Miranda, Caldas, Silva e Araújo (2018) avaliaram no estudo “Desempenho motor de alunos com obesidade em uma escola de rede municipal de São Luís- MA”, o desempenho motor das habilidades de locomoção e controle em alunos obesos. Participaram deste estudo 50 alunos entre 8 a 10 anos do sexo masculino classificados como obesos pelo IMC. O instrumento utilizado foi o *Test Of Gross Motor Development -2* e verificou que esses alunos têm mais habilidades de controle do que habilidades de locomoção, ou seja, resultou em baixa eficiência no desempenho motor que segundo autores corrobora com estudos nesta área.

O estudo “Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças do Ensino Fundamental I na cidade de Boa Viagem- CE” feito Machado, Rocha, Viana e Pereira (2018) contou com a participação de 305 alunos, sendo 159 meninos e 146 meninas, entre 6 a 10 anos. Como a proposta estava relacionada apenas com o peso desse aluno, eles utilizaram como instrumento apenas o IMC. O resultado mostrou que 69,8% dos alunos são considerados eutróficos, ou seja, indivíduos considerados no peso adequado e 17% estão na classificação acima do peso, sendo 7,2% obesos.

Pode-se concluir que a obesidade emerge como problemática de pesquisa pelo fato de estar presente no cotidiano da sociedade atual, especialmente quando se refere ao tema Obesidade Infantil Escolar, que necessita de pesquisas, principalmente relacionadas a questões psicológicas. Observa-se isso ao se deparar com mais pesquisas que procuram apenas saber a classificação das crianças como obesas, com sobrepeso ou consideradas normais do que com questões que englobam este tema. Pode-se considerar também que a obesidade e o sobrepeso infantil permeiam vários contextos, especialmente nas escolas e pode-se levantar a hipótese de que situações geradas nestas condições podem se relacionar com a motivação para aprender e a percepção que o aluno tem de si mesmo, ou seja, o autoconceito. Por isso, na sequência será apresentado o tema motivação relacionada ao aprendizado escolar como questão a ser estudada nesta pesquisa.

2.3 MOTIVAÇÃO PARA APRENDER

A motivação é um conceito estudado sob várias perspectivas por se tratar de fatores que emergem em diferentes contextos na sociedade. Da mesma forma, na Psicologia há várias definições para este assunto, tornando-o um objeto de estudo de alta complexidade. Ao buscar-se a origem da palavra motivação observa-se que a mesma advinda do latim, que significa “tardio”, que ao originar o termo semanticamente se denominou motivo. Pode-se dizer de forma simplista que motivação ou motivo, é algo que faz o indivíduo agir, ou seja, circunstâncias que o faz tomar atitudes de se mover, determinando diferentes comportamentos (Bzuneck, 2001).

Segundo Oliveira, Bzuneck e Ruffini (2017), a motivação tem sido considerada um constructo multidimensional já que pode estar ligada a diversos fatores ou aparecer de maneira isolada de acordo com a situação. Maieski, Oliveira, Beluce e Ruffini (2017) destacam que a motivação escolar pode apresentar características específicas que a difere de outros tipos de atividades que necessitam deste constructo. Sendo assim, ao deparar-se com a motivação

escolar, nota-se a necessidade de esclarecer o que será analisado neste contexto para melhor entendimento do conceito, já que se trata de uma especificidade.

Constata-se que o estudante está exposto a tarefas que exigem altos esforços cognitivos que, segundo Bzuneck (2001), são a atenção e a concentração, além disso, o processamento, a elaboração e a integração da informação, e, por fim, o raciocínio e resolução de problemas, que se diferenciam de acordo com o nível escolar exigido no currículo obrigatório, além de avaliações que segundo o mesmo autor podem afetar o estado emocional do indivíduo. Outro fator a se considerar é o local onde se é ensinado, as salas de aula são compostas por um número relativo de estudantes por classe regida por um professor. Verifica-se então que existem exigências das instituições de ensino que estão diretamente ligadas ao trabalho mental deste estudante. Dessa forma, pode-se dizer, de acordo com Severo e Kasseboehmer (2017) que a motivação escolar é um aspecto a se considerar ao se tratar do processo de aprendizagem que o indivíduo está submetido, já que os aspectos de intensidade e qualidade dependem deste constructo. Além disto, percebem-se as relações estabelecidas na escola por se tratar de um ambiente coletivo e nas formas de avaliações que será proposta para este indivíduo (Bzuneck, 2001).

De acordo com Bzuneck (2001), a motivação pode ser entendida como um fator ou um processo que é determinado por efeitos imediatos e efeitos finais. O efeito imediato ocorre de acordo com o envolvimento e na forma com que o estudante conduziu as atividades propostas, ou seja, está relacionado aos seus esforços e seu investimento pessoal. Sendo assim, pode-se considerar que existe o indivíduo motivado quando este trajeto ocorre conforme o esperado, entretanto há o indivíduo desmotivado, aquele em que houve a ausência de motivação, onde este processo não foi devidamente contemplado.

Percebe-se que este efeito imediato tem relação ao desenvolvimento da motivação no processo de aprendizagem. Entende-se como efeitos finais o resultado esperado do desempenho

deste aluno pela instituição e se reverte em um bom desempenho acadêmico. Sendo assim, observa-se que um indivíduo pode ter diferentes tipos de motivação. Ryan e Deci (2000) observam que não é apenas o nível de motivação que se deve considerar, é necessário olhar a origem das ações, buscando verificar as atitudes e os objetivos que estão em torno disto, como por exemplo, o aluno pode estar motivado por alguma tarefa, mas o foco da motivação não precisa necessariamente ser o mesmo.

Maieski et al. (2017) apontam que no contexto escolar, os alunos considerados motivados são aqueles que estão envolvidos em algum nível nas atividades propostas em sala de aula. Diferentemente acontece com os alunos desmotivados, que realizam as atividades, mas com um rendimento mínimo do que se é esperado, e quando percebem que a atividade exige um pouco mais, acabam desistindo. Sendo assim, pode-se entender que a desmotivação escolar é resultante de um investimento baixo do indivíduo e da qualidade inferior das tarefas escolares que, segundo Rufini, Bzuneck e Oliveira (2011), tem como consequência a ausência ou a insuficiência da aprendizagem.

Como ocorre a falta de motivação destes alunos, os professores tendem a procurar estratégias para estimulá-los, ou seja, tentar fazer com que se interessem pelo conteúdo, pela escola, pelas atividades (com esforços ou recompensas). Por isso, existem diferenciações deste tipo de motivação que se pode dizer que é a qualidade da mesma: o primeiro é aquele aluno que realiza as atividades porque será recompensado ou porque será punido; o segundo tipo é aquele que realiza as tarefas para não desapontar os pais ou responsáveis e para não se sentirem envergonhados por não ter um desempenho satisfatório; o terceiro tipo é o aluno que entende a importância daquela atividade para algum objetivo pessoal, e assim, realizam as atividades; por último é aquele que se identifica com a atividade e decide fazê-la. Entretanto, é importante ressaltar que há também alunos que se envolvem nas atividades porque sentem prazer em realizá-las (Zambom, 2015).

Foram apresentados conceitos sobre a motivação, e em especial, a motivação escolar. Há várias teorias relacionadas à motivação, dentre as quais, destacam-se duas. A primeira é a Teoria das Necessidades de Maslow que segundo Silva, Uller, Santos e Rezende (2017) corresponde a motivação a um conjunto de necessidades, e a outra seria a Teoria da Autodeterminação, sendo esta utilizada neste trabalho, por isso, a seguir será apresentado de forma detalhada os principais aspectos desta teoria.

2.4 TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO

Do inglês *Self-Determination Theory (SDT)*, a Teoria da Determinação foi proposta em 1981 por Richard M. Ryan e Edward L. Deci, que implica em uma teoria organísmica do comportamento e desenvolvimento da personalidade humana que, segundo Oliveira, Maieski, Beluce e Santos (2014), é uma teoria que defende que todo comportamento é intencional, portanto, pode ser tanto autônomo como pode ser controlado. Seu ponto principal está nas questões psicológicas, além de sinalizar os diferentes tipos de motivação de forma autônoma. Sendo assim, há a preocupação de verificar se as condições sociais produzem satisfação ou não para o indivíduo, levando também em consideração os fatores biológicos que, segundo Ryan e Deci (2017), possuem uma questão evolucionária.

Sendo assim, os seres humanos são capazes de se autorregular, já que possuem as necessidades psicológicas básicas de autonomia, ou seja, o indivíduo tem o entendimento de que é ele quem produz uma determinada ação de acordo com sua decisão, podendo ser uma atividade voluntária. Pode ser considerado a relação de competência, se o mesmo tem condições de estar em uma situação relacional no ambiente em que está inserido, além de conseguir em meio aos desafios, superá-lo. Pode também ser analisado o vínculo, se há uma formação de vínculos estáveis que possibilitam a pessoa se sentir acolhida e segura em situações que

requerem cuidados especiais. Essas questões surgem quando tratamos de sentimentos, pensamentos e na forma que as pessoas se comportam (Maieski, Oliveira & Bzuneck, 2013).

Segundo Ryan e Deci (2017), a teoria da Autodeterminação além de contribuir para a ciência, é considerada prática e crítica. Sua praticidade é explicada pelo fato de mensurar os contextos que podem ou não motivar de acordo com as questões de satisfação na autorregulação e no bem-estar do indivíduo em diferentes situações, como por exemplo, salas de aula, locais de trabalho, equipes esportivas, entre outros. Quando se trata da questão crítica, pode-se dizer que a SDT avalia e compara contextos que são proximais, como por exemplo, sala de aula e trabalho, como forma de verificar as condições básicas humanas. Os autores não a classificam como relativista, mas sim, uma teoria que se apoia nas concepções sociais e culturais para ser suporte no psicológico e no comportamento humano.

Esta teoria diverge das outras exatamente por diferenciar os tipos de motivação ocasionadas pela dinâmica do comportamento, sendo assim, não há apenas um fenômeno associado a ela, e sim situações tanto voluntárias como externas, tornando-a associada a diferentes motivos, não apenas na magnitude das situações, mas sim como a pessoa reage a esses fenômenos e suas consequências. Para diferenciar os tipos de motivação é utilizado o *autonomycontrol continuum*, ou seja, o que representa a autonomia versus o controle das regulações (Ryan & Deci, 2017).

O *continuum* proposto pela Teoria da Autodeterminação representa a evolução do comportamento e retrata a motivação para aprender como um processo cíclico (Maieski et al., 2017). Observa-se que a motivação pode ser subdividida em três grupos: desmotivação, motivação intrínseca e motivação extrínseca. Pode-se dizer que a desmotivação, segundo Rufini et al. (2011), é caracterizada pela ausência de motivação, ou seja, o indivíduo não reage positivamente e, de acordo com Goya, Bzuneck e Guimarães (2008), observa-se desvalorização

da atividade e falta de percepção de controle pessoal. O segundo é a motivação intrínseca, que de acordo com Bzuneck e Boruchovitch (2016), é caracterizada pelo interesse autônomo.

Maieski et al. (2017) apontam que a desmotivação e a motivação intrínseca são dois polos e no meio deles encontra-se a motivação extrínseca que são responsáveis pelos graus de autodeterminação, apresentadas em quatro tipos: a primeira a se considerar é a Regulação Externa, ou seja, a realização de algumas tarefas nas quais serão obtidas recompensas ou não deixar tornar uma punição, sendo esta uma motivação controlada; o segundo tipo é a Regulação Introjetada, que está ligada a autoestima do sujeito para o cumprimento da proposta, tornando a motivação moderadamente controlada; há também a Regulação Identificada, na qual acontece o reconhecimento e identificação dos objetivos propostos na realização das atividades, ou seja, é uma motivação moderadamente controlada também; por último, a Regulação Integrada, ou seja, o indivíduo reconhece a importância de uma determinada atividade e assume a responsabilidade de cumpri-la, tornando-a uma motivação autônoma.

Segundo Ryan e Deci (2017), a grande implicação da Teoria da Autodeterminação se dá em relação ao campo da psicologia tradicional, já que a mesma está presente em diversas esferas, como na personalidade humana, social, clínica psicológica e mais recentemente na área de Psicologia e na Economia Comportamental, além de estar na Educação, Esporte, entre outros. A teoria proposta por estes autores se compõe em seis mini teorias que não estão divididas de acordo com essa classificação tradicional, mas sim conforme os diversos aspectos da motivação e da integração psicológica. Cada uma dessas teorias está baseada em um nível de análise e de acordo com os mecanismos sociais que serão apresentados na sequência.

Para entender a primeira microteoria, observa-se que esta teoria teve início em experimentos sociopsicológicos que estavam dispostos a estudar os efeitos das recompensas, na elaboração de *feedback* e analisar quais seriam as escolhas motivacionais intrínsecas, além de perceber quais fatores externos afetavam as pessoas em relação a novos desafios de busca de

informação. Sendo assim, houve a criação de uma teoria baseada nos processos ambientais sociais que podem influenciar intrinsecamente em um ser humano, chamada de *Cognitive Evaluation Theory (CET)*.

Outra mini teoria chama-se *Organismic Integration Theory (OIT)*, que está associada a compreensão de em quais situações houve motivação extrínseca para que um comportamento se tornasse autônomo por meio de um processo de integração. Em relação a aspectos da personalidade na teoria da autodeterminação foi analisado nos conceitos da diferença individual vista na mini teoria chamada *Causality Orientations Theory (COT)*, e ao verificar os resultados da interação do sujeito com o ambiente pode se perceber várias características relevantes para orientações de causalidade. Essas caracterizações podem ser classificadas em: orientação autônoma, que seria a organização do comportamento voltado a interesses do contexto interpessoal; a orientação controlada, que seria responsável por regular o comportamento em relação a controle social; e orientação impessoal, que é direcional a relação interpessoal, mas há a falta de controle.

A quarta mini teoria é a *Basic Psychological Need Theory (BPNT)*, ou seja, como as necessidades básicas psicológicas podem afetar o bem-estar e a vida de um ser humano nos diferentes contextos; também procuraram maior entendimento das psicopatologias existentes mediante a uma má qualidade na saúde física. A pesquisa tem a conscientização na satisfação do funcionamento saudável do indivíduo. Há também a *Goal Contents Theory (GCT)*, relacionada aos objetivos pessoais e as relações básicas para satisfação e bem-estar, que estão associadas a duas categorias, que são: as aspirações intrínsecas, ou seja, os objetivos de determinada tarefa produz satisfação em si mesma, já que as necessidades psicológicas estão diretamente ligadas a autonomia; e as aspirações extrínsecas, que os objetivos que não necessariamente são satisfatórios em relação à satisfação do indivíduo.

Por último, a mini teoria considerada mais recente é a *Relationship Motivation Theory (RMT)*, que estuda não apenas a relação interpessoal do indivíduo, mas também a relação em grupos, e conclui-se que além da positividade e do respeito, é necessário ter o respeito a autonomia. Os relacionamentos não são apenas necessidades básicas sociais, mas também é medida pela reciprocidade da mesma, sendo assim, esta teoria avalia se há satisfação nas relações mediante a esses aspectos. Observa-se então que os estudos são direcionados nos limites da Psicologia Social, da personalidade e do desenvolvimento, que até o presente momento resultou nestas teorias apresentadas (Ryan & Deci, 2017).

Sendo assim, observa-se que esta teoria está bem estruturada para ser apresentada neste trabalho, que a utilizará para verificar questões da motivação no contexto escolar. Cabe esclarecer que no presente trabalho será empregado a miniteoria Organísmica-Integrada.

2.4.1 Pesquisas sobre a Motivação para aprender na Teoria da Autodeterminação

Ao verificar aspectos relacionados a motivação escolar de acordo com a Teoria da Autodeterminação, foi realizada uma busca nas bases de dados *Scielo*, Capes, Pepsic, com as palavras-chave Teoria da Autodeterminação e Ensino Fundamental, dos últimos cinco anos. Observa-se que não há artigos sobre o tema no *Scielo*, mas ao buscar no Pepsic, encontrou-se um artigo e na Capes 42 resultados, entre esses, apenas três artigos foram considerados pertinentes a esta dissertação por se tratar de pesquisas de acordo com a teoria da autodeterminação no contexto escolar. Além disso, serão apresentadas três dissertações do banco da Capes produzidas na Universidade Estadual de Londrina (UEL) com a temática. Como forma de organização de conteúdo para melhor apresentação de dados, os artigos e dissertações que foram descritos serão apresentados e transcritos a seguir em ordem cronológica.

Camargo (2014) em seu estudo “A Motivação de Estudantes para o Aprendizado de Língua Inglesa”, buscou verificar a motivação para aprender em aulas de inglês em três

contextos, sendo eles, uma escola pública, uma particular e uma escola de línguas estrangeiras. Houve a participação de 519 alunos, todos devidamente matriculados no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Primeiramente, os alunos desta escola de línguas estrangeiras passaram por um levantamento de atividades que os interessavam nestas aulas, e, em seguida, todos os voluntários da pesquisa realizaram um questionário motivacional. Os resultados mostraram que a motivação foi diferente entre as instituições que participaram, havendo prevalência de motivação em meninas do que em meninos.

Oliveira (2015) em sua pesquisa “Motivação Autônoma e Controlada para leitura: um estudo com adolescentes”, buscou avaliar a qualidade motivacional para a leitura de livros paradidáticos que seus professores escolheram, para isso participou 566 adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental II e 2º ano do Ensino Médio. Foi aplicado um questionário construído pela autora com 42 questões. Os resultados mostraram dois perfis motivacionais, sendo um com alunos de escores altos em motivação autônoma, e baixo em motivação controlada e o outro perfil com alunos de pontuação média nestes dois tipos de motivação, sendo elas autônoma e controlada. Além disso, segundo a autora, a motivação intrínseca apresentou correlação positiva à motivação identificada, alta com a motivação autônoma, correlação moderada com a percepção sobre os pais e negativa com a motivação por regulação. Ao verificar as correlações da motivação identificada, observou-se correlação alta com a motivação autônoma e correlação discreta com a percepção sobre os pais. A análise utilizada foi a regressão linear, que mostrou em seus resultados que a percepção sobre os pais é preditora positiva moderada da motivação autônoma e negativa em grau discreto para controlada.

Gomes e Boruchovitch (2016) investigaram em sua pesquisa “*Motivation to Read Scale for Teenagers and Youngsters: Psychometric Properties*”, a motivação para a leitura na teoria da autodeterminação em uma amostra de 329 alunos, sendo 183 do 6º ao 9º ano de duas escolas públicas da cidade de Jundiaí, no Estado de São Paulo, e 146 alunos do Ensino Médio de uma

dessas escolas, com idade entre 10 a 20 anos. As autoras construíram a escala com essa finalidade e os resultados apontaram que os alunos que foram considerados elevados na Subescala A possuem um perfil motivacional mais autônomo, já alunos com pontuação elevada na Subescala B podem ser considerados com motivação inexistente, com desmotivação ou motivação controlada. Sendo assim, a Escala de Motivação em Leitura pode ser considerada válida e aponta condições favoráveis para a utilização desta escala no contexto educacional.

O estudo “Motivação de Alunos do Ensino Fundamental: Estudo de duas realidades culturais” realizado por Maieski, et al. (2017) investigou o constructo motivação segundo a Teoria da Autoderminação em dois países diferentes, sendo eles Chile e o Brasil. O objetivo era verificar a motivação em aprender nos diferentes contextos. A amostra foi composta por 528 alunos devidamente matriculados no Ensino Fundamental, com idades entre 5 a 11 anos em quatro escolas, sendo uma privada e uma particular do Brasil e da mesma forma no Chile. Utilizaram-se dois instrumentos para a coleta dos dados, sendo estes, o Questionário de *Continuum* Infantil, usado para avaliar a qualidade motivacional dos estudantes e a Escala de Motivação e Estratégias para o Aprendizado, que associa os comportamentos motivacionais e as estratégias que os estudantes se apropriam para o aprendizado. Os resultados apresentam que na Escala de Motivação e Estratégia para o Aprendizado, ambos tiveram boa qualidade motivacional para aprender, sendo que os alunos chilenos apresentam maior motivação em relação as crianças brasileiras, já no Questionário de *Continuum* Infantil, apresentaram resultados similares. Observa-se que os alunos chilenos são mais intrinsecamente motivados e os alunos brasileiros são extrinsecamente motivados pela regulação identificada.

Um estudo “Suporte familiar e suas relações com as variáveis psicoeducacionais” feito por Burgos (2018) buscou verificar três temáticas, sendo elas, o suporte familiar, a motivação para aprender e as estratégias de aprendizagem, além de avaliar possíveis diferenças nestes constructos. Participaram da pesquisa 352 alunos do Ensino Fundamental II.

Para isso, foram utilizados três instrumentos, sendo, o Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF, Questionário *Continuum* Infantil e a Escala de Avaliação das Estratégias de Aprendizagem para o Ensino Fundamental - EAVAP-EF. Um dos resultados obtidos nesta pesquisa revela que no que se refere a motivação houve diferença nos resultados de acordo com os anos escolares e que os alunos do primeiro ano no Ensino Fundamental II obtiveram mais pontuações na motivação intrínseca.

Perante os dados expostos, é importante destacar a importância de se estudar motivação escolar como visto neste capítulo, por se tratar de uma questão que pode corroborar para o aprendizado do aluno, mas para isso, é necessário estudos nesta área para ampliar o significado do constructo motivação nas escolas além de propiciar novas descobertas de acordo com o resultado destas pesquisas. Ao verificar quantos estudos foram achados ao se tratar de Ensino Fundamental, pode-se dizer que é um momento da fase escolar que precisa também de mais estudos para se fortalecer e proporcionar novos conhecimentos. Além disso, pode-se hipotetizar que a motivação pode estar relacionada ao autoconceito dos alunos, por ser um ambiente propício a vários tipos de relações sociais. Para melhor entender sobre este assunto, verificou-se a necessidade de abordar de forma clara o que permeia o autoconceito e será discutido a seguir.

2.5 AUTOCONCEITO

De acordo com Conte, Ciasca e Capelatto (2016), o autoconceito é resultado da relação entre as interações que um sujeito tem durante a vida, considerando o social do sujeito e a forma com que este se auto avalia ao considerar suas habilidades, experiências e representações. Verifica-se que o autoconceito também está relacionado ao impacto que tem a opinião do outro, conforme afirmam Sisto e Martinelli (2004). O autoconceito é um fenômeno que pode sofrer modificações e se reestruturar de acordo com o desenvolvimento humano (L'Écuyer, 1978),

sendo assim, o autoconceito não é estático (Cerqueira et al., 2004). É importante definir e diferenciar o autoconceito, pois há confusão acerca deste tema comparado a autoestima.

A autoestima, segundo Weiss (1993), define-se como um constructo avaliativo e afetivo no desenvolvimento da estrutura e funcionalidade mental do ser humano, sendo assim, Tolentino, de Matos Maia, Formiga, de Oliveira Sousa e Melo (2015) referem-se a autoestima como um processo avaliativo do autoconceito, Mosquera (1997). Observa-se que existe um juízo de valor, ou seja, a relação que o sujeito sente em relação a si mesmo, tanto positiva quanto negativamente. Sendo assim, pode-se dizer que a autoestima é valorativa de acordo com o referencial que a afeta, e o autoconceito está associado a um julgamento próprio de acordo com um referencial cognitivo (Byrne, 1996), ou seja, enquanto a autoestima precisa de um ponto de referência para ser verificada, o autoconceito é algo que o sujeito elabora dentro de si.

O caso do autoconceito constitui-se em três aspectos. Segundo Sisto e Martinelli (2004), o primeiro aspecto ocorre primeiramente pela forma com que o mesmo se desenvolve, ou seja, o autoconceito não é inato, mas sim se passa por um processo que tem origem na infância e permeia todas as fases da vida do sujeito. Lemos e Batista (2017) enfatizam que esta construção acontece de acordo com a forma com que este indivíduo se relaciona com os ambientes apresentados a ele. Essa conclusão foca o segundo aspecto que seria o consensual, ou seja, o autoconceito tem influências do meio social. Por último, entende-se por terceiro aspecto a ideia de multidimensionalidade, que seria os vários “eus” que constitui o autoconceito, já que este é construído pelo contexto social. Sendo assim, Schiavoni e Martinelli (2017) argumentam que existe um autoconceito para cada interação que este indivíduo tem, dando exemplos como o autoconceito escolar, o autoconceito familiar, o autoconceito em relação aos professores, entre outros.

Observa-se então que no autoconceito, a pessoa descreve suas próprias características, e por fazer isso, pode-se dizer que gera impacto no seu modo de agir em diversos contextos. Um

exemplo é em relação à afetividade, por entender que há emoções vinculadas a forma com que este indivíduo se observa e os aspectos comportamentais que estão diretamente relacionados a concepção de sujeito (Sisto & Martinelli, 2004). Por se tratar de vários contextos que podem influenciar no autoconceito, Schiavoni e Martinelli (2017) observam que investigar o autoconceito na escola é relevante pois este ambiente possui diversas interações sociais que podem contribuir tanto positiva quanto negativamente na construção do autoconceito. De acordo com Sisto e Martinelli (2004), a criança precisa lidar tanto com as demandas cognitivas como com a interação com o “novo mundo social” por se tratar de um ambiente que possibilita componentes para o autoconhecimento dos mesmos (Oliveira, 2015).

Segundo Schiavoni e Martinelli (2017), existem nas escolas os alunos considerados mais aceitos, aqueles que de acordo com Newcombe (1999), têm mais capacidades tanto cognitivas como sociais, além de possuir também comportamentos competentes às interações. Entretanto, há aqueles alunos que não são tão bem recepcionados, ou seja, aqueles com comportamentos que não são considerados adequados para o contexto, como por exemplo, alunos considerados geradores de conflitos. Segundo Stevanato, Loureiro, Linhares e Marturano (2003), alunos com autoconceito negativo aparecem de acordo com as respostas negativas tanto no contexto social quanto no acadêmico. Em relação às escolas, observa-se que os alunos que têm o autoconceito mais negativo são aqueles que além de possuir dificuldades na aprendizagem possuem também dificuldades comportamentais e, segundo os autores, necessitam de cuidados detalhados para a inserção social dos mesmos. Sendo assim, Cubero e Moreno (1995) e Carneiro, Martinelli e Sisto (2003) afirmam que as avaliações que esses alunos recebem das pessoas que estão ao seu redor, ou seja, professores, colegas e familiares, constroem a visão que estes têm sobre suas capacidades.

Outro fator importante é entender que o autoconceito tem relevância ao se estudar a motivação para aprender, que por sua vez pode modificar as realizações acadêmicas de acordo com a mudança do autoconceito (Byrne, 1984; Marsh, 2003). González Cabanach e Valle Arias

(1998) e Carneiro et al. (2003) abordam que alunos com baixo autoconceito apresentam também baixa motivação, além de possuírem sentimentos acadêmicos negativos em relação a si mesmos. Observa-se a importância do autoconceito, uma vez que este constructo pode ter relação com o constructo motivação para aprender, assunto este que será tratado nesta pesquisa. Como forma de esclarecer melhor o tema abordado neste capítulo, houve a necessidade de compreender a relevância deste constructo no Brasil, sendo assim, na sequência serão apresentadas as pesquisas acerca do autoconceito no contexto escolar brasileiro. Assim, será feito um mapeamento dos estudos com esta temática, considerada relevante nesta pesquisa, em relação ao Brasil.

2.5.1 Pesquisa sobre autoconceito no contexto escolar brasileiro

Levantou-se nos bancos de dados de artigos científicos, sendo estes *Scielo* e *Pepsic*, as palavra-chave “autoconceito” e “crianças” no campo palavras do título, averiguando possíveis estudos feitos com a temática nos últimos cinco anos. Na coleção da biblioteca da *Scielo* encontraram-se 33 artigos e no *Pepsic* 23. Destes artigos, serão apresentados 7, em ordem cronológica. Foram selecionados estudos realizados nas escolas, além de relacionar o autoconceito com algum outro fenômeno presente neste ambiente, possibilitando diálogo entre possíveis situações contextuais e a presente pesquisa que também fará relação deste constructo com outros.

A pesquisa realizada por Stevanato et al. (2003) intitulada “Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento” tinha como proposta avaliar o autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem em relação a crianças que não possuem dificuldades, além de verificar o comportamento de 58 crianças com faixa etária entre 8 a 11 anos da 1^a a 4^a séries (2^o ao 5^o ano). Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a Escala Infantil Piers-Harris de Autoconceito (Piers & Harris, 1996) e Escala Comportamental Infantil A2 (Graminha, 1994). As crianças foram avaliadas individualmente e

a análise dos resultados mostrou que o grupo com dificuldades de aprendizagem possuem diferenças estatísticas significativas comparadas ao grupo com bom desempenho escolar. Pode-se dizer que há um autoconceito menor por parte do primeiro grupo, comprovado ao verificar 15 itens da Escala de Autoconceito sendo mais negativa.

Bordignon e Teodoro (2011) visaram em sua pesquisa “Relações entre a percepção corporal, autoconceito e traços depressivos em crianças escolares com e sem excesso de peso”, verificar as relações entre autoconceito, traços depressivos, satisfação e percepção corporal com crianças com e sem excesso de peso. Foi feita em uma escola do Rio Grande do Sul com 79 alunos, sendo 46 meninos e 34 meninas, entre 7 a 12 anos. Foram utilizados como instrumentos o Questionário Sociodemográfico e Corporal (ABEP, 2009), Avaliação do Estado Nutricional, Escala de Avaliação de Imagem de Crianças (Tiggemann & Wilsn-Barret, 1998) e Inventário de Depressão Infantil (Kovacs, 1992), foram aplicados de maneira individual. Os resultados mostraram que há mais relação entre os traços depressivos e o autoconceito ao se correlacionar com percepção e satisfação corporal do que com o estado nutricional do aluno.

Capelatto, Lima, Ciasca e Salgado-Azoni (2014) fizeram um estudo semelhante ao anterior intitulada “*Cognitive Functions, Self-Esteem and Self-Concept of Children with Attention Deficit and Hyperactivity Disorder*” cujo o objetivo era comparar o desempenho de 17 alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e 17 alunos que não apresentam queixas em tarefas tais como atenção visual, funções executivas, autoestima e autoconceito. Utilizou-se para a avaliação uma bateria de testes, além da Escala Multidimensional de Autoestima, elaborada por Gobbita (2003) e Escala de Autoconceito Infante-Juvenil dos autores Sisto e Martinelli (2004). Os resultados apresentam que alunos com transtorno demonstram piores resultados em todas as avaliações a que foram submetidas em relação aos alunos sem queixas na aprendizagem.

Serassuel et al. (2015) verificaram em seu estudo *“The impact of obesity on the perception of self-concept in children and adolescents”* se alunos com excesso de peso apresentam uma percepção negativa em relação ao seu autoconceito. Participaram 785 alunos, sendo 410 meninas e 375 meninos, com idades entre 8 a 14 anos; como havia várias escolas participando, escolheu-se uma sala de cada ano por escola, todas do período matutino. Os critérios para a participação nesta pesquisa seria o interesse do aluno, estar regularmente matriculado e estar fazendo as aulas de Educação Física. A distribuição da amostra foi feita pelo critério do Índice de Massa Corpórea (IMC) (Cole, Bellizzi, Flegal e Dietz, 2000), compondo três grupos: alunos com peso normal, sobrepeso, e, por último, obesidade. Além de utilizar o levantamento socioeconômico da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2010) e o Inventário de Autoconceito de Piers e Harris (2002). Os resultados mostram que alunos com sobrepeso e obesidade podem ter um impacto negativo na percepção do autoconceito tanto no total como nas dimensões avaliadas, como por exemplo, meninos obesos apresentam 2,6 mais chances de apresentar desequilíbrio comportamental e meninas obesas apresentam 2,7 mais chances de apresentar desequilíbrio da variável felicidade comparados aos alunos de peso normal.

Braz e Castro (2016) problematizam em sua pesquisa *“Avaliação da personalidade e do autoconceito em crianças com obesidade”*, quais características de personalidade e autoconceito descrevem uma criança obesa. Participaram da pesquisa 25 crianças diagnosticadas obesas e estão sendo acompanhadas, entre 8 a 10 anos de idade. Para isso, utilizaram-se de dois instrumentos, sendo estes a Escala de Traços de Personalidade para Crianças – ETPC (Sisto, 2004) e a Escala de autoconceito Infante-Juvenil - EAC-IJ (Sisto & Martinelli, 2004). Os resultados mostram que essas crianças possuem prejuízo em relação a autoconceito escolar, pessoal e familiar, mas em relação ao autoconceito social é uma constituição positiva, além de

não apresentar correlação entre os fatores de personalidade de autoconceito. Os autores apontam a necessidade de estudos sobre personalidade e autoconceito em crianças com obesidade.

Conte et al. (2016) em seus estudos “Relação entre autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar de crianças do Ensino Fundamental”, viram a relação entre o autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar. Participaram 35 alunos, entre 8 a 11 anos, que cursavam o Ensino Fundamental 1 em uma Escola do interior de São Paulo. Houve um fator de exclusão nesta pesquisa, que foram alunos que não compreendessem a forma de responder os testes. Foram utilizados três instrumentos, sendo estes: o Teste de Desempenho Escolar – TDE (Stein, 1994), Escala Feminina de Autocontrole - EFAC (Sisto & Martinelli, 2004) ou Escala Masculina de Autocontrole – EMAC (Sisto & Martinelli, 2006), e, por último, a Escala de Autoconceito Infante-Juvenil - EAC-IJ (Sisto & Martinelli, 2004). A aplicação foi realizada individualmente em oito sessões de aproximadamente 40 minutos. O resultado mostra que quanto mais o aluno se conhece, maior é seu desempenho escolar e sua capacidade de enfrentar as situações cotidianas.

Lemos e Batista (2017) no estudo intitulado “Relação entre autoconceito de crianças e estilos de liderança de professores” pesquisaram sobre a relação entre o autoconceito nos alunos e os estilos de liderança dos professores. Participaram da pesquisa 124 alunos, sendo 56 do sexo feminino e 68 do sexo masculino, de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com idades entre 8 a 11 anos. Utilizou-se dois instrumentos, sendo estes: a Escala de Autoconceito Infante-Juvenil - EAC-IJ (Sisto & Martinelli, 2004) e o Inventário de Estilos de Liderança de Professores – IELP (Batista, 2013). A aplicação foi feita de forma coletiva nas salas de aula da própria escola durante 50 minutos. Os resultados mostraram duas correlações negativas e uma positiva; e em relação ao autoconceito, a maioria dos participantes se classificaram com um bom autoconceito.

Ao verificar esses dados, nota-se a importância de se pesquisar este constructo no ambiente escolar, por perceber que pouco se fala sobre o tema neste contexto e entendendo que

este conceito também é construído na escola, ou seja, acontece em um ambiente em que o aluno passa a maior parte do dia, podendo então contribuir para novas discussões sobre o assunto, principalmente por estabelecer uma conexão entre o tema obesidade e autoconceito, que são temas de bastante impacto. Desse modo, essa pesquisa buscou verificar este processo e para isso, a seguir, serão apresentados os objetivos, a metodologia empregada, resultados, discussão, considerações finais, referências e anexos utilizados nesta pesquisa com o intuito de delinear o estudo.

2.6 OBJETIVO GERAL

A presente pesquisa tem como objetivo geral verificar a motivação para aprender de alunos do Ensino Fundamental II e o autoconceito delas relacionados a um fator, sendo ele, crianças que estão acima do peso ideal, a saber, obesidade infantil.

2.6.1 Objetivos Específicos

A presente pesquisa teve como objetivo os seguintes aspectos:

1. Investigar a percepção dos alunos acerca do próprio corpo;
2. Descrever o nível de motivação em alunos no Ensino Fundamental II;
3. Descrever o nível de autoconceito de parte da amostra;
4. Analisar possíveis diferenças na motivação e no autoconceito entre os alunos por ano escolar em uma escola pública;
5. Verificar se há relação entre o construto motivação e autoconceito e sua relação de dependência.

2.7 MÉTODO

2.7.1 Participantes

A pesquisa contou com a participação de 413 alunos, com média de idade de 11 anos e 8 meses ($Dp=1,2$), a idade mínima foi de 10 anos e a máxima 16, devidamente matriculados no Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual de uma cidade do interior do Estado do Paraná. Do sexo feminino tinham 218 sujeitos (52,8 %) e o masculino 195 (47,3%). A distribuição dos participantes por ano escolar pode ser vista na Tabela 2.

Tabela 2.
Distribuição dos participantes por ano escolar.

ANO	F	%
6	109	26,3
7	104	25,1
8	102	24,9
9	98	23,7
Total	413	100,0

Fonte: a autora (2019).

Os alunos tinham em média 51,0 quilos ($Dp=14,7$), sendo o peso mínimo 20,4 quilos e o peso máximo 109,0 quilos. A altura média de 1,5m ($Dp=0,09$) e a altura mínima era de 1,23m e a máxima 1,86. Houve também a classificação pelo IMC, observa-se que 35,4% ($n=70$) são considerados obesos. Os dados estão distribuídos na Tabela 3.

Tabela 3.
Classificação pelo IMC.

Classificação	F	%
Normal	226	54,7
Sobrepeso	94	22,8
Obesidade	52	12,6
Obesidade grave	18	4,4
Discrepância	1	0,2
Avaliação negada	3	0,7
Aluno ausente	5	1,2
Magreza	14	3,4
Total	413	100,0

Fonte: a autora (2019).

Os dados de avaliação negada e aluno ausente são alunos que não passaram pela avaliação física. Já a classificação discrepância foi um estudante que deu erro em alguma das avaliações, entretanto não foi especificado.

2.7.2 Instrumentos

A geração de dados foi feita a partir de um questionário elaborado pela pesquisadora de Percepção Corporal, o questionário de *Continuum* Motivacional e a Escala de Autoconceito Infante-Juvenil. A seguir serão efetivas as descrições de cada instrumento utilizado neste processo.

O Questionário de Percepção Corporal (Apêndice A) foi elaborado com 16 questões abordando assuntos referentes a dados de idade, sexo e ano escolar e a percepção que o aluno tem de seu corpo, imagem e alimentação. Apresentam duas respostas possíveis: “sim” ou “não”, sobre questões pertinentes a percepção corporal relacionadas a escola. Como por exemplo: Como você se sente em relação ao seu corpo? “() SIM () NÃO”.

O questionário de *Continuum* Infantil (Anexo A) foi produzida e validada por Rufini, Bzuneck e Oliveira (2011) e elaborada por meio do *continuum* proposto por Ryan e Deci (2000), da teoria de autodeterminação, foi elaborado uma escala brasileira, cujo objetivo foi verificar o motivo de crianças em ir à escola. Sua fase de elaboração contava com 30 questões, entretanto ao perceber a dificuldade em uma das questões, a mesma foi descartada, tornando-se 25 questões em cinco pontos na escala *Likert*. Ela avalia todos os níveis de motivação tanto intrínseca quanto extrínseca exceto a motivação extrínseca por regulação integrada. A seguir um exemplo:

Venho à escola para não ficar em casa.



Figura 1- Exemplo de questão a partir da Escala de Motivação.
Fonte: (Rufini, Bzuneck & Oliveira, 2011).

A Escala de Autoconceito Infante – Juvenil (EAC-IJ), construída por Sisto e Martinelli (2004) tem como objetivo avaliar os níveis de autoconceito da criança e do jovem por meio de seu contexto social, verificando suas vivências e representações, sendo assim, a escala verifica questões familiares, sociais, escolares e pessoais. Composta por vinte questões com três alternativas de resposta (nunca, às vezes, sempre), além de dois exemplos antes de iniciar a avaliação, são estes: Afirmação: Acho que sou muito tímido em casa. Alternativas dos alunos: “() Sempre, () Às vezes, () Nunca”.

A escala é dividida em quatro momentos, sendo as questões de 1 a 5 relacionadas a variável pessoal, questões de 6 a 10 a escola, da questão 11 a questão 14 perguntas relacionadas à variável familiar, e, por último, questões de 15 a 20, perguntas concernentes a situações sociais. A correção desta escala é feita por uma pontuação nas questões que o adolescente pode responder, sendo 0, nunca, 1, às vezes e 2 sempre. Entretanto nas perguntas relacionadas à variável escolar e familiar, esta correção é feita de forma invertida. Esta escola contém manual de aplicação, e por ser um instrumento de venda comercial por meio da Editora Vetor, não será disponibilizado o anexo.

Também se trabalhou com o registro das medidas de peso, altura e IMC (com a seguinte classificação: pesos normais, sobrepeso, obesidade, obesidade grave, discrepância, avaliação negada – alunos que se recusaram, aluno ausente e magreza). Todos fornecidos pelo prontuário oriundo da aula de educação física.

2.7.3 Procedimento de coleta de dados

Primeiramente, entrou-se em contato com a instituição de ensino, e após autorização da diretora pedagógica, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, com a aprovação a partir do parecer 3.076.068, CAAE: 03157118.2.0000.5231, houve a continuidade dos próximos passos. A pesquisadora entregou um bilhete para os pais explicando o que seria feito e pediu, por livre espontânea vontade a participação dos alunos na pesquisa, propondo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Houve esclarecimentos aos alunos em sala de aula, propondo a participação na pesquisa, e, por fim, ocorreu a aplicação dos instrumentos. O primeiro instrumento aplicado foi o Questionário de Percepção Corporal, em seguida a Escala de Motivação, levando em média 30 minutos. A pesquisadora escolheu 10 adolescentes de cada ano para aplicar a Escala de Autoconceito em uma sala separada, com duração em média de 15 minutos. Cabe esclarecer que os alunos não tiveram suas atividades escolares interrompidas, eles participaram na hora do intervalo.

2.8 ASPECTOS ÉTICOS

Ao pensar no respeito, confidencialidade dos participantes e não utilizando os dados obtidos para outros fins, a pesquisadora se pautou na Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, obedecendo a princípios éticos de pesquisa. Sendo assim, para comprovar que estão cientes dos objetivos da pesquisa, os responsáveis legais e os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

2.8.1 Riscos e Benefícios

A pesquisa não teve como intuito prejudicar os participantes, e pensando nisso, foi pontuado de forma clara que a participação do menor poderia ser interrompida por ele a qualquer momento durante a aplicação dos instrumentos, esclarecendo todas as dúvidas necessárias. Caso houvesse algum desconforto ou intercorrências a pesquisadora ofereceria atendimento psicológico aos mesmos. Por fim, os benefícios foram a produção de um novo conhecimento dentro da questão motivacional escolar e sua relação com a obesidade infantil de acordo com o autoconceito.

2.9 RESULTADOS

Os dados obtidos pela coleta de dados foram organizados em planilhas e submetidos às estatísticas descritiva e inferencial. Foram empregados testes de diferenças e de correlações, por meio do software *IBM SPSS Statistics 21*, para atender ao primeiro objetivo do estudo, qual seja, investigar a percepção dos alunos acerca do próprio corpo, foram feitas descrições das respostas dos participantes do Questionário de Percepção Corporal.

No que se refere a primeira questão, “Você considera sua alimentação saudável?”, observou-se que 55,2% ($n=228$) responderam que sim e 44,8% ($n=185$) responderam que não.

Em relação a segunda questão, “Você pratica alguma atividade física?”, 73,1% ($n=302$) dos participantes responderam que sim e 26,9% ($n=111$) responderam que não. A terceira questão questionou o sujeito, “Você tem um boa noite de sono?”, notou-se que 80,4% ($n=332$) disseram que sim e 19,4% ($n=80$) que não.

Na quarta questão, “Você gosta do seu corpo?”, percebeu-se que 80,4% ($n=332$) disseram que sim e 19,6% ($n=81$) que não. Ao questionar na quinta questão, “Você considera que está de acordo com os padrões corporais que a sociedade impõe?”, 33,9% ($n=140$) disseram

que sim e 66,1% ($n=273$) responderam que não. Em relação a sexta questão, “Você se considera uma pessoa acima do seu peso?”, 35,6% ($n=147$) responderam que sim e 66,4% ($n=266$) responderam que não. Os sujeitos que responderam a esta questão 35,5% ($n=147$), deveriam colocar uma nota para sua satisfação corporal, sendo 1 insatisfeito e 10 muito satisfeito. Observou-se a maior pontuação foi a nota 5,0, ou seja, 6,8% ($n=28$) dos participantes, e a menor nota foi 2,0, que representa 1,7% ($n=7$) da amostra. Os resultados estão distribuídos na Tabela 4.

Tabela 4.
Distribuição de nota que os participantes deram a sua satisfação corporal.

Nota	<i>F</i>	%
1,0	13	3,1
2,0	7	1,7
3,0	9	2,2
4,0	14	3,4
5,0	28	6,8
6,0	14	3,4
7,0	13	3,1
8,0	24	5,8
9,0	8	1,9
10,0	17	4,1
Ausentes	266	64,4
Total	413	10,0

Fonte: a autora (2019).

Ao referir-se à sétima questão, “Você gostaria de mudar alguma parte do seu corpo?”, 43,3% ($n=179$) responderam que sim e 56,7% ($n=234$) dos participantes responderam que não. Aos que responderam sim, perguntou-se qual parte do corpo gostariam de mudar, sendo assim, os resultados estão organizados na Tabela 5.

Tabela 5.
Parte do corpo que os participantes gostariam de mudar.

Parte do Corpo	<i>F</i>	%
Rosto	10	2,4
Barriga	46	11,1
Cabelo	21	5,1
Peitos	5	1,2
Vários	48	11,6
Orelha	3	0,7
Unhas	1	0,2
Nariz	8	1,9
Pés	2	0,5
Braços	1	0,2
Bucheça	1	0,2
Olhos	4	1,0
Aparência	1	0,2
Dente	1	0,2
Coxa	3	0,7
Costas	1	0,2
Emagrecer	9	2,2
Não especificado	1	0,2
Força	2	0,5
Tamanho	3	0,7
Boca	1	0,2
Ganhar Peso	1	0,2
Pernas	2	0,5
Glúteos	1	0,2
Ouvidos	1	0,2
Panturrilha	1	0,2
Ausentes	235	56,9
Total	413	10,0

Fonte: a autora (2019).

A oitava questão indagou: “Você tem alguma ajuda em relação a como se sente com o seu corpo?”, 20,8% ($n=86$) dos participantes responderam que sim e 79,2% ($n=327$) responderam que não. Ao perguntar-se na nona questão, “A imagem que você tem de si mesmo

interfere nas suas atividades escolares?”, observou-se que 12,8% ($n=53$) marcaram a opção sim e 86,7% ($n=358$) optaram pela opção não. Na décima questão, “Você tem vergonha de se expor (falar, ficar na frente das pessoas) na escola?”, 54,5% ($n=225$) responderam que sim e 45,5% ($n=188$) responderam que não. Verificou-se na décima primeira questão, “Você gosta de atividades coletivas?”, 88,4% ($n=365$) responderam que sim e 11,4% ($n=47$) responderam que não. Ao perguntar, “Você gosta de ir à escola?” na décima segunda questão, notou-se que 74,8% ($n=309$) responderam que sim e 24,9% ($n=103$) responderam que não.

A décima terceira questão, “Você gosta da sua sala de aula?”, 84,7% ($n=350$) da amostra respondeu que sim e 15,3% ($n=63$) respondeu que não. Foi perguntado na décima quarta questão, “Você se considera magro?”, constatou-se que 51,8% ($n=214$) dos participantes responderam que sim e 48,2% ($n=199$) responderam que não. A penúltima questão questionou o participante, “Você se considera gordo?”, percebeu-se que 33,9% ($n=140$) responderam que sim e 66,1% ($n=273$) responderam que não. E, por último, foi perguntado na décima sexta questão, “Você se sente pressionado por ter um corpo diferente do considerado normal?”, 23,7% ($n=98$) responderam que sim e 76,3% ($n=315$) responderam que não.

Para atender o segundo objetivo específico, descrever o nível de motivação em alunos no Ensino Fundamental II, também se recorreu a estatística descritiva. No que se refere à Desmotivação a média foi de 9,7 ($Dp=4,5$), a pontuação mínima foi de 5 e a máxima 24. A Figura 2 apresenta a pontuação dos participantes na Desmotivação.

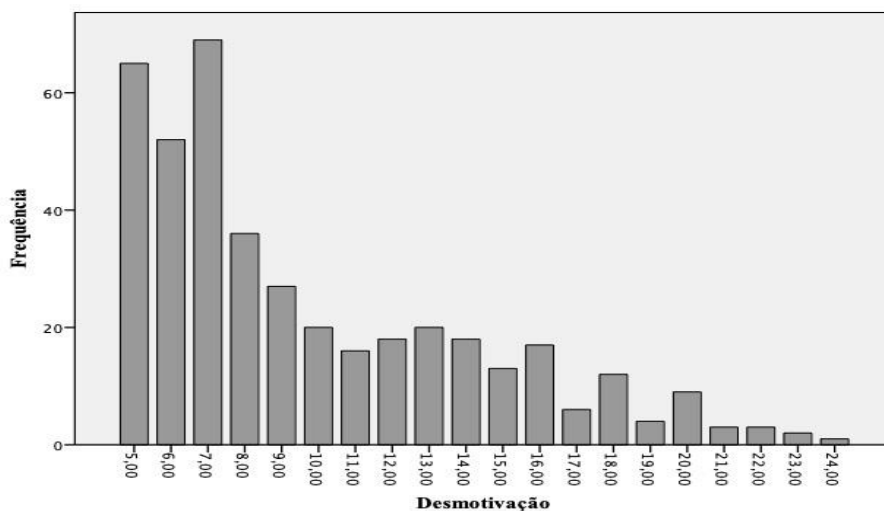


Figura 2 - Resultado das perguntas relacionadas a variável Desmotivação.
Fonte: a autora (2019).

Ao verificar a variável de Regulação Externa, a média foi de 11,96 ($Dp=4,6$), sendo que a pontuação mínima foi 5 e a máxima 25. A Figura 3 apresenta os resultados dos participantes mediante a Regulação Externa.

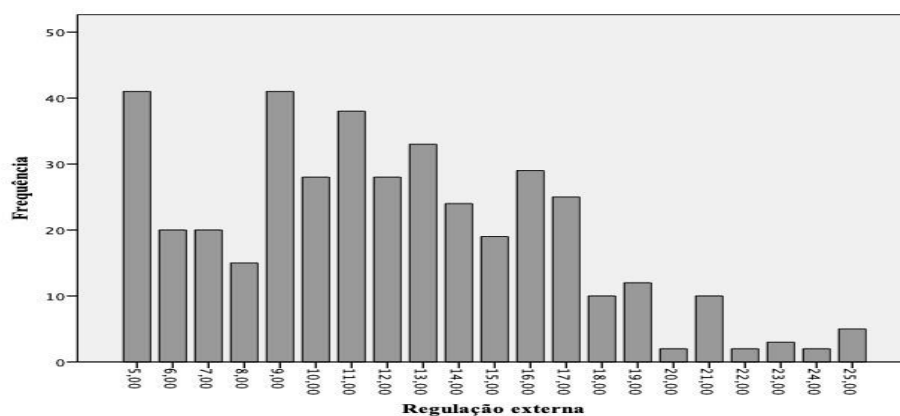


Figura 3- Resultado das questões relacionadas a variável de Regulação Externa.
Fonte: a autora (2019).

Em relação a Regulação Introjetada, a média foi de 12,77 ($Dp=5,1$), sendo a menor pontuação 5 e a maior 25. A Figura 4 mostra os resultados dos participantes.

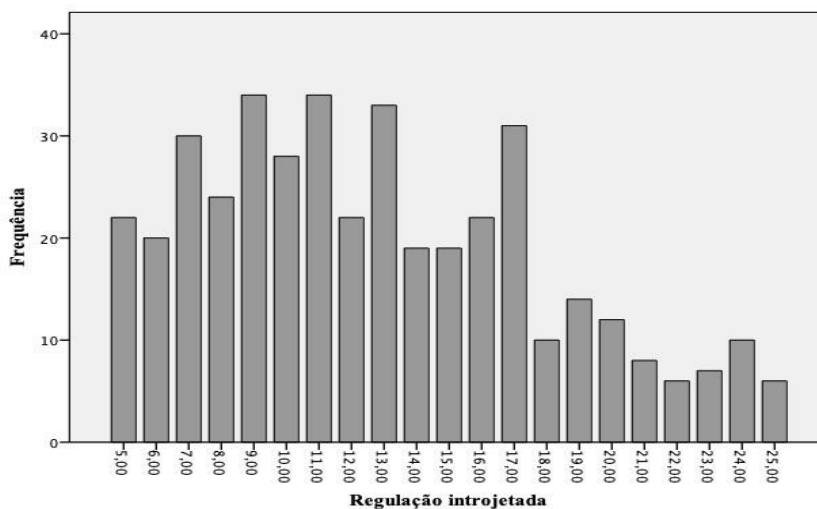


Figura 4 - Resultado das questões relacionadas a variável de Regulação Introjetada.

Fonte: a autora (2019).

A média da Regulação Identificada foi de 22,6 ($Dp=3,1$), observou-se que a pontuação mínima foi de 10 e a máxima de 25. A Figura 5 indica a distribuição dos participantes em relação a esta variável.

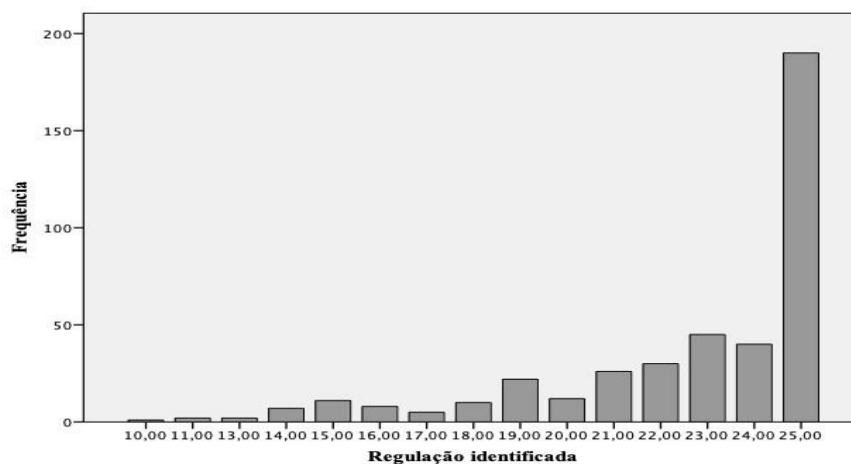


Figura 5 - Resultado das questões relacionadas a variável de Regulação Identificada.

Fonte: a autora (2019).

Por último, a média da Motivação Intrínseca foi de 18,3 ($Dp=4,9$), sendo a menor pontuação 5 e a maior pontuação 25. A Figura 6 exhibe os resultados da amostra neste item.

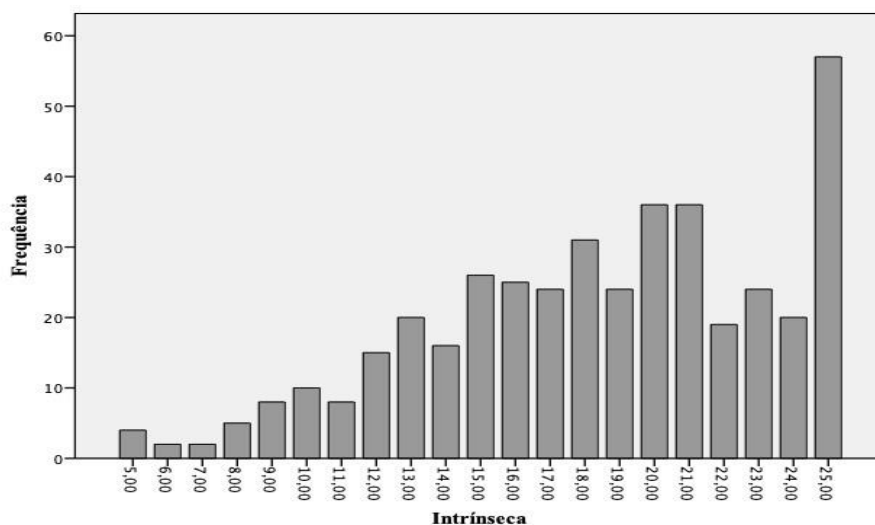


Figura 6 - Resultado das questões relacionadas a variável de Motivação Intrínseca.

Fonte: a autora (2019).

Ao que se refere ao terceiro objetivo, descrever o nível de autoconceito de parte da amostra ($n=74$), ou seja, participantes que fizeram a escala de autoconceito, foi utilizada a análise descritiva. Mostrando que o autoconceito pessoal foi de 4,5% ($n=74$), com pontuação máxima de 8,0 e mínima 0,0. Para o autoconceito escolar, 3,8% ($n=74$), sendo 8,0 a pontuação máxima e 1,0 a mínima, o autoconceito familiar teve uma porcentagem de 5,7% ($n=74$), sendo 8,0 a pontuação máxima e 0,0 a mínima, e, por último, o autoconceito social com 7,7% ($n=74$), com pontuação máxima de 10 e mínima 20,0. A descrição destes resultados pode ser vista na Tabela 6.

Tabela 6.
Distribuição dos Resultados da Escala de Autoconceito.

Autoconceito	<i>F</i>	<i>M</i>	Média em Relação ao Item	Pontuação Máxima	Pontuação Mínima
Pessoal	74	4,5	0,34	8,0	0,0
Escolar	74	3,8	0,3	8,0	1,0
Familiar	74	5,7	0,32	8,0	0,0
Social	74	7,7	0,26	10,0	2,0
Geral	74	21,9	0	31,0	7,0

Fonte: a autora (2019).

Ao se compreender que os fatores de autoconceito apresentaram número diferente de itens, no que se divide a média de pontos pelo número de itens dos fatores, que seja, pessoal, familiar, social, escolar e geral. Nessa direção, cabe esclarecer que quando se compara uma dimensão com a outra, é favorável notar que a maior pontuação de amostra foi na dimensão pessoal e a menor de social.

Atendendo ao quarto objetivo, qual seja a diferença por ano escolar na motivação da amostra geral é possível notar que a diferença é estatisticamente significativa entre os anos, considerando a Análise de Variância – ANOVA. A diferença estava nas motivações introjetada $F(3,407)=4,315$, $p=0,005$; Identificada $F(3,407)=4,9$, $p=0,002$ e Intrínseca Identificada $F(3,408)=4,413$, $p=0,005$. O teste *post-hoc* de *Tuckey* mostra onde está a diferença e pode ser vista na Tabela 7.

Tabela 7.
Resultados do Teste Média *post-hoc* de *Tukey*.

Motivação	Ano	M	P
Introjetada	7°	14,2	
	8°	12,1	0,016
	9°	11,9	0,008
Identificada	6°	23,3	
	8°	21,7	0,002
	7°	23,0	
	8°		0,019
Intrínseca	6°	19,4	
	8°	17,6	0,031
	9°	17,3	0,11

Fonte: a autora (2019).

No grupo de obesidade e obesidade grave não houve diferença significativa na motivação dos participantes por ano escolar. Para verificar se havia diferença na amostra geral entre as dimensões do autoconceito, recorreu-se a *ANOVA*. Os dados indicaram não haver diferença significativa entre os grupos. Entretanto, ao verificar o grupo de obesidade e obesidade grave, houve diferença na dimensão pessoal, sendo marginal $F(3,34)=2,808$, $p=0,054$. O teste *post-hoc* de *Tukey* indicou que a diferença estava entre as dimensões do 6° ($M=5,1$) e 9° ($M=2,5$) anos, tendo em vista $p=0,040$.

Para atender ao quinto objetivo, recorreu-se a correlação de *Pearson*. Os dados indicaram relação entre a desmotivação e autoconceito familiar ($r=0,233$, $p=0,043$), intrínseca

e familiar ($r=0,269$, $p=0,021$), intrínseca e social ($r=-0,305$, $p=0,001$) e intrínseca e geral ($r=0,350$, $p=0,002$).

Recorreu-se a análise de regressão linear simples pelo método *enter*, para verificar a previsão da pontuação entre as variáveis. De acordo com a Tabela 8, observou-se que a motivação intrínseca entra no modelo de regressão, explicando 12% da variância para autoconceito geral da amostra e a mesma motivação entra no modelo de regressão de 14% para o autoconceito social.

Tabela 8.
Regressão linear para Autoconceito.

Variável Independente	R	R^2	R^2 ajustado	F	Beta _z	T	p
Intrínseca Geral	0,350	0,122	0,110	(125,105)=9,911	0,350	10,294	0,002
Intrínseca Social	0,385	0,149	0,137	(28,240)=12,393	0,385	7,780	0,001

Fonte: a autora (2019).

3 CONCLUSÃO

Prezando pela linearidade e clareza da pesquisa, foi decidido apresentar a discussão dos resultados na mesma sequência que foi exposto no capítulo anterior, mostrando as especificidades de cada item de acordo com os objetivos traçados para este estudo. Desse modo, haverá dois momentos no discorrer deste capítulo, sendo o primeiro a escrita dos resultados obtidos por meio da estatística descritiva, *ANOVA* e o teste *post-hoc* de *Turkey*, que substanciou os dados sobre a percepção que os alunos da pesquisa tinham sobre si mesmos, além de gerar os dados sobre o nível de motivação e de autoconceito dos pesquisados e se haviam diferenciações destes constructos de acordo com o nível escolar do Ensino Fundamental II. Para dar sustância no segundo momento dos objetivos, foram usadas a correlação simples de *Pearson* e a regressão linear simples de forma a atender e compreender uma possível relação entre o constructo motivação e autoconceito.

As perguntas feitas aos alunos por meio do questionário para apontar certas questões sobre o que eles pensam e percebem sobre o seu próprio ponto de vista do seu corpo verificou que a maioria das respostas foi considerada positiva, especialmente por se tratar de assuntos relacionados a sua saúde, considerando seu cotidiano e seus hábitos que são de extrema relevância quando se trata do desenvolvimento destes adolescentes. A maioria das questões, como por exemplo, se a alimentação era saudável, se praticavam alguma atividade física, se gostavam do corpo deles, sobre a noite de descanso, atividades físicas foram de respostas que expressavam percepções positivas. Mas mesmo com uma porcentagem baixa, o número de respostas negativas em relação às mesmas questões se faz necessário uma análise, afinal há vários apontamentos relevantes que serão discorridos, principalmente quando observa-se que nessa minoria, podemos encontrar os alunos que estão obesos.

Ao verificar especificamente uma questão, no que se refere, se o sujeito se considerava acima do seu peso, vemos que 35,6% da amostragem disse que sim e ao cruzar este dado com

a classificação do IMC dessas crianças, verifica-se que 39,8% desta população está acima do peso, corroborando com a questão de que a obesidade na adolescência está crescendo consideravelmente e é um problema de saúde que precisa ser analisado (Kobes, et al., 2018). Levando em consideração que a fase do desenvolvimento da amostra é repleta de mudanças além da busca em se adequar a um padrão de beleza (Oliveira, et.al. 2018), os alunos analisados não acham que estão de acordo com este padrão e uma parte considerável da amostra não se sentem satisfeitos com o corpo, querendo mudanças em determinadas partes do corpo, sendo que a maioria desejaria estas mudanças em diversas partes do corpo ou questões específicas como barriga, cabelo e rosto, o que permite dizer que são questões que os adolescentes convivem diariamente, principalmente quando verifica-se a transição corporal e psicológica que os mesmos enfrentam nesta faixa etária (Barros et al., 2017).

Outra questão passível de análise é a constatação de que a maioria da amostra não possui algum tipo de ajuda profissional no que se diz respeito a como se sente com seu próprio corpo, ou seja, esses alunos que estão passando por várias modificações corporais e não estão tendo um acompanhamento acerca desta condição do seu desenvolvimento como ser humano. Silva, Silva, Agrícola e Oliveira-Neto (2017) concluem que profissionais de Educação Física podem contribuir em auxiliar neste processo de conhecimento corporal, que vai além do aspecto físico. Há uma preocupação de ter um olhar profissional para estas discussões dentro das escolas, propiciando um respaldo para esses alunos e principalmente por contribuir na saúde mental destas pessoas, porque este fator pode contribuir para a relação do índice alto de depressão, ansiedade, distúrbios, que vão além das salas de aula e acompanham o indivíduo por diferentes esferas, especificamente quando falamos de indivíduos que têm problemas com o peso (Freitas et al. 2017).

Quando trata-se da análise descritiva da motivação para aprender da amostra por meio do *Continuum* Infantil, a desmotivação escolar está com média baixa, ou seja, quando referir-

se que o constructo motivação é intencional (Oliveira et al. 2014) relacionado com a verificação dos dados gerados, observa-se que as condições sociais dentro da escola estão produzindo satisfação para esses alunos, de modo que a dinâmica do seu comportamento está conduzindo para uma ação positiva, o que produz uma consequência favorável para o aprendizado deste sujeito, demonstra então um resultado positivo por considerar a desmotivação um constructo não favorável para o ambiente estudado.

Mas o ponto de partida principal desta análise é a média alta na Regulação Identificada, que é um dos quatro tipos de regulação, a saber, relacionados a autodeterminação (Maieski, et.al. 2017). Sendo assim, esses alunos estão tendo uma relação de motivação para aprender a partir do ponto de vista da identificação com algum tipo de exigência ou regra que foi imposta a eles no ambiente escolar para realização das atividades como Maieski et. al (2017) refere em seus estudos quando se trata deste tipo de motivação, o que mostra a responsabilidade e a representatividade desta autoridade que está presente no convívio escolar, já que nestes alunos pesquisados predomina este tipo de regulação. Este resultado corrobora com o estudo realizado por Maieski, et al. (2017) que em seus resultados mostraram que alunos brasileiros possuem regulação identificada quando comparada com os outros tipos de regulação de acordo com esta escala.

Entretanto, o que pode constatar que a segunda maior média dos resultados da análise descritiva é que esses alunos tendem a ter a motivação intrínseca nos seus comportamentos motivacionais na sala de aula, o que demonstra o interesse autônomo por fazer as atividades propostas a eles (Bzuneck & Boruchovich, 2017), ou seja, este aluno tem a compreensão da atividade que ele precisa realizar e se responsabiliza para o cumprimento da mesma. Então, a análise que pode ser feita é que esses alunos precisam de uma identificação, mas há alguns momentos em que este assume esta responsabilidade para si.

Ao descrever o nível de autoconceito da amostra que realizou a Escala de Autoconceito Infante-Juvenil (Sisto & Martinelli, 2004) por meio da análise descritiva, a saber, o terceiro objetivo da pesquisa verificou a média do autoconceito pessoal, escolar, familiar e social. Os resultados mostram que estes alunos possuem uma média alta em seu autoconceito pessoal, o que pode ser considerado um resultado positivo por considerar que a percepção de si mesmo nos tempos atuais é um elemento indiscutível e perceber que esses alunos estão com média alta, mostra que estão com uma análise positiva das suas habilidades físicas, que segundo Sisto e Martinelli (2004), reflete no autoconceito, além de conseguir lidar de forma saudável com seu modo de agir em diferentes situações, ou seja, esses alunos estão conseguindo lidar com situações problemáticas. Este resultado é importante especialmente porque esta pesquisa procurou avaliar o autoconceito de alunos com obesidade, e assim, mostra que esse sujeito irá buscar uma forma de lidar com alguma situação problemática visto que ele possui um autoconceito pessoal elevado.

Mas, ao verificar qual dessas influências do autoconceito é menor, observa-se que é o social, e por levar em consideração que o autoconceito está ligado a percepção que o outro tem sobre a pessoa (Sisto & Martinelli, 2004). Desse modo, o resultado corrobora com o fato de que uma avaliação negativa do próprio corpo pode estar ocorrendo por esse aluno não estar se enquadrando em um modelo que leva em consideração uma tendência cultural como afirma Neves et. al (2017), principalmente por estar se tratando de uma fase que segundo Barros et. al. (2017) a percepção é mais assídua em relação as experiências tanto internas como externas. Isso mostra que de fato, o indivíduo tem diferentes tipos de autoconceitos no seu cotidiano, como afirma Schiavoni e Martinelli (2017), ou seja, não é um constructo estático e modifica durante as fases do indivíduo, além de ser construído por meio de cada interação que o sujeito tem.

O quarto objetivo foi analisado de acordo com duas propostas, sendo a primeira analisar a motivação escolar de todos os alunos e apenas nos alunos com IMC elevado, e em um segundo

momento analisar o autoconceito nesta mesma divisão da amostra, levando em consideração que foi utilizada a Análise de Variância para esses resultados. Observa-se que a regulação introjetada se diferencia do sétimo ano aos dois anos posteriores, o que demonstra que conforme o sujeito desta amostra vai elevando seu nível escolar, a autoestima relacionada ao cumprimento da atividade vai se alterando, além disso, a regulação identificada nos anos mais novos em relação ao 8º ano é significativa. Mas o fato mais interessante é que do 6º ao 9º ano houve variação na regulação intrínseca, o que pode se concluir que a motivação intrínseca começa a se fazer mais presente conforme o sujeito está com um nível maior de escolaridade, demonstrando mais responsabilidade por seus atos, principalmente ao referir-se a entrega de atividades propostas, sendo assim, conforme esse aluno vai avançando seu nível escolar, a motivação intrínseca começa a se fazer mais presente por se tratar da autonomia ao realizar atividades, por entender que o resultado depende das atitudes e decisões dele mesmo nesse contexto.

Quando se verifica o resultado do autoconceito durante os anos não houve variação, mas ao se tratar do autoconceito no grupo de pessoas com obesidade teve uma diferença mínima, visto que a diferença encontra-se entre os alunos dos 6º e 9º anos, pode-se dizer que este estado físico está ligado a como esse sujeito se desenvolve no seu ambiente escolar. Além disso, este resultado vem ao encontro com o estudo feito por Serassuel et al. (2015) que observou a potencialidade que a percepção do autoconceito pode afetar a pessoa que está com problemas com seu peso corporal.

O último objetivo proposto nesta dissertação procurou verificar se há relação entre o constructo motivação e autoconceito, sendo primeiramente utilizada a correlação de *Pearson*, que mostrou um resultado significativo entre a desmotivação e o autoconceito familiar, ou seja, a desmotivação escolar estar relacionada a situações enfrentadas por este sujeito no cotidiano familiar do mesmo, o que propõe esse autoconceito familiar por Sisto e Martinelli (2004). Além

disso, a motivação intrínseca e o autoconceito social possuem uma correlação, levando em consideração que é um tipo de motivação autônomo e o autoconceito social está relacionado a esta percepção de si mesmo, pode-se considerar compreensiva este resultado. Mas, principalmente quando há relação entre o autoconceito geral e a motivação intrínseca, já que ambos necessitam de uma construção interna do sujeito para esses constructos. Para buscar a validação deste resultado, a análise de regressão verificou-se que a regulação intrínseca está ligada ao autoconceito geral e ao autoconceito social, ou seja como Oliveira et al., (2017), enfatizam que a motivação pode estar ligada a diversos fatores, esses resultados contribuem na confirmação desta teoria, principalmente por estar relacionando um constructo diferente conforme a verificação desta motivação para aprender.

Face ao que foi apresentado no decorrer do processo de desenvolvimento desta pesquisa, verifica-se a necessidade de reconhecer a demanda para entender os fatores que podem influenciar no desenvolvimento do aprendizado de um aluno, principalmente na fase em que a amostra desta pesquisa se encontra, qual seja, há vários pontos para serem colocados em pauta como considerações finais deste projeto e levantando questionamentos para possíveis e futuras pesquisas que poderão ser pensadas e elaboradas mediante ao que foi exposto até o presente momento, por considerar que a pesquisa visa a contribuir constantemente na área que está sendo trabalhada e sempre que possível, evoluir em contribuições e descobrimentos maiores para a produção científica brasileira.

Faz necessário compreender a importância de se analisar o contexto escolar não apenas em relação a resultados dos estudantes mediante a notas e ao motivo de ser aprovado, mas sim todas as situações que estão presentes neste cenário e que podem interferir nas atividades escolares, nas interações sociais e ambientais que o mesmo está exposto durante horas, porque todos estes momentos interferem em esferas muito mais ocultas da subjetividade do que se pode imaginar. Nota-se este ponto quando se pergunta a esses alunos se eles gostariam de mudar

alguma parte do corpo deles e eles responderem coisas que, de certo modo, não seriam uma preocupação tão alarmante na idade que estão, ou seja, são discussões que vão além do cumprimento de um dever escolar. Afinal, como foi visto, o autoconceito tem ligação a esta discussão que está sendo proposta.

Mas pensando também no âmbito de contribuir com este dever, vemos que estes fatores podem afetar na motivação para aprender, sendo assim, torna-se um sistema cíclico, no qual o constructo motivação pode afetar o constructo do autoconceito, por notar que ambos não são estáticos e podem ir se modificando conforme o desenvolvimento do aluno. Além de compreender que a Motivação Identificada, que é essa representação do outro na realização da atividade, pode se relacionar na construção do autoconceito. Dessa forma, é necessário a busca de um equilíbrio para melhor andamento das atividades e da sinergia encontrada, afinal o objetivo da escola é contribuir para o crescimento humano do sujeito, ou seja, tem um papel de extrema importância na vida de todos os indivíduos, principalmente por ser um direito e dever da sociedade, estar matriculado em uma escola.

Em relação a obesidade, o que pode se ver é que realmente há poucos estudos relacionados a esta situação do indivíduo. Além disso, é preciso um olhar desta escola para esses alunos, porque sabe-se que a obesidade é uma doença e precisa ser tratada como tal. A análise disto é feita além do que foi gerado em dados, mas do momento em que foi feita a inserção de um pesquisador a campo para descobrir esta realidade, observando que desde a merenda fornecida nas escolas até nas cadeiras em que estas crianças acima do peso sentem, não possuem uma atenção a estes fatos. Um fator limitante desta pesquisa foi não ter uma análise mais profunda no âmbito qualitativo destas crianças obesas, um fator que seria interessante para verificado qualitativamente.

Principalmente do ponto de vista psicológico, como observou na pesquisa, que a maioria respondeu que não tem ajuda em relação a como se sente com o corpo, ou seja, o cuidar

tanto físico como emocional destes alunos. Sobre este aspecto, segundo o Conselho Regional de Psicologia (CRP, 2019) foi aprovado em 12 de setembro de 2019 o projeto de lei nº 3688/2000, que prevê o serviço do profissional de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de educação básica possibilitando ações nos intermédios das escolas, o que possibilitará maior amparo destas crianças e adolescentes. Segundo o CRP (2019), no dia 9 de outubro de 2019, o Presidente da República vetou integralmente este projeto, mas dia 27 de novembro o projeto voltou a promulgação, sendo assim, essa pesquisa reforça a necessidade desses profissionais nas redes de Educação Pública de Educação Básica visando principalmente na intervenção qualificada nesse setor.

É necessário fazer discussões dentro das escolas acerca deste corpo de forma empática e até mesmo como forma de contribuir nas diferenças corporais existentes em todos os indivíduos, não apenas para os obesos, que foi o objeto de análise desta pesquisa. Salienta-se que é preciso mais estudos que abarcam essas diferenças nas escolas e como pode se contribuir para esta realidade. Por isso, tem como observação esta intervenção escolar por meio de dinâmicas, projetos de conscientização, rodas de discussão e apoio psicológico para todos os alunos de acordo com o ano que este encontra-se inserido, por entender que cada fase do sujeito tem algumas questões mais necessárias para serem verificadas, entendidas e descobertas, especialmente por se tratar do autoconceito destes sujeitos.

Sobre a pesquisa, defende-se que seria necessário uma maior verificação deste perfil do obeso, de forma a pesquisar qualitativamente este sujeito e entender do ponto de vista dele certas situações com mais clareza de detalhes, ou seja, é uma delimitação desta pesquisa e um levantamento para uma futura pesquisa sobre o tema, porque entendendo melhor este aluno com esta doença, pode contribuir a *insights* que até então não foram pensados ou questionados e que não possuem até o presente momento.

Sobre a motivação, fomenta-se que precisa entender formas de desenvolver esta motivação externa, a saber pela regulação identificada, buscando uma melhoria desse aluno na escola. Além disso, observou-se a importância da relação escola-família quando vemos o resultado da correlação de *Pearson* entre a desmotivação e o autoconceito familiar. O que pode ser levado em conta nesta relação, é que pode contribuir de forma muito desfavorável na motivação do aluno, ou seja, precisa ser realizado intervenções com as famílias também. Esta pesquisa buscou e validou questões que fizeram acrescentar ao tema em que foi pensada, de forma a dar sequência nos estudos e dando forma a novas descobertas científicas.

REFERÊNCIAS

- Almeida, C. M. E., de Oliveira, M. R. M., & Vieira, C. M. (2008). A Relação Entre A Imagem Corporal E Obesidade Em Usuárias De Unidades De Saúde Da Família. *Revista Simbio-Logias*, 1 (1).
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. (2010). *Dados com base no levantamento socioeconômico* – IBOPE.
- Associação Brasileira para o estudo de Obesidade e Síndrome Metabólica. (2009). *Mapa da Obesidade*. Disponível em: <<http://www.abeso.org.br/atitude-saudavel/mapa-obesidade>>. Acessado em: 05 out. 19.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2009). *Critério Brasil 2009*. Disponível em: <<http://www.abep.org>>. Acessado em: 05 out. 19.
- Barros, T. M., Piekarski, P., & Mezzomo, T. R. (2017). Alteração na percepção corporal em adolescentes brasileiros de ensino público. *Nutrición clínica y dietética hospitalaria*, 37 (2), 157-161.
- Batista, A. P. (2013). *Construção e análise de parâmetros psicométricos do Inventário de Estilos de Liderança de Professores*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR.
- Braz, F. P. R., & Castro, P. F. de (2016). Avaliação da personalidade e do autoconceito em crianças com obesidade. *Revista Psicologia e Saúde*, 8 (2), 17-28. [https://dx.doi.org/10.20435/2177-093X-2016-v8-n2\(02\)](https://dx.doi.org/10.20435/2177-093X-2016-v8-n2(02))
- Bordignon, S., & Teodoro, M. L. M.. (2011). Relações entre percepção corporal, autoconceito e traços depressivos em crianças escolares com e sem excesso de peso. *Aletheia*, (34), 19-31. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942011000100003&lng=pt&tlng=pt>. Acessado em 05 out. 19.
- Burgos, M. N. (2018). *Suporte familiar e suas relações com as variáveis psicoeducacionais*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Byrne, B. M. (1984). The general/academic self-concept nomological network: A review of construct validation research. *Review of educational research*, 54 (3), 427-456.
- Byrne, B. M. (1996). Measuring self-concept across the life span: Issues and instrumentation. *American Psychological Association*.
- Bzuneck, J. A. (2001). A motivação do aluno: aspectos introdutórios. Boruchovitch, E., Bzuneck, J. A. (orgs.) *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Bzuneck, J. A. & Boruchovitch, E. (2016). Motivação e Autorregulação da Motivação no Contexto Educativo*. *Psicologia Ensino & Formação*, 7(2), 73-84.
- Camargo, P. M. P. de. (2014) *A Motivação de Estudantes para o Aprendizado de Língua Inglesa*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Capelatto, I. V., Lima, R. F. de, Ciasca, S. M. & Salgado-Azoni, C. A. (2014). Cognitive Functions, Self-Esteem and Self-Concept of Children with Attention Deficit and Hyperactivity Disorder. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27 (2), 331-340.
<https://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201427214>
- Carneiro, G., Martinelli, S. & Sisto, F. (2003). Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), pp.427-434.
- Cerqueira, T. C. S., da Costa Polônia, A., Pinto, C. B. C., de Castro, F. C. G., Montenegro, M. E., & Zinato, V. A. M. (2004). O autoconceito e a motivação na constituição da subjetividade: conceitos e relações. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS*, 10 (20).
- Cole, T. J, Bellizzi M.C, Flegal, K.M, Dietz, H.W. (2006). Establishing a standard definition for child overweight and obesity worldwide: international survey. *BMJ*; 320 (6); 1240-45. 14.
- Conselho Nacional Da Saúde (2016). Conselho Nacional da Saúde: Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>
- Consenso Latino Americano De Obesidade. (1998). Disponível em: <<http://www.aCbeso.org.br/uploads/downloads/1/5521abe181cb8.pdf>>. Acessado em: 05 out. 19.
- Conselho Regional de Psicologia. (2019). Projeto que prevê Psicologia nas redes de educação básica é aprovada na Câmara dos Deputados. <<https://crppr.org.br/psicologianaeducacao/>>
- Conte, G., Ciasca, S. M., & Capelatto, I. V. (2016). Relação entre autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar de crianças do ensino fundamental. *Revista Psicopedagogia*, 33 (102), 225-234. Recuperado em 19 de setembro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300002&lng=pt&tlng=pt.
- Cruz, A. D., de Oliveira Castro, A. J., do Nascimento Pereira, A. P., de Souza, A. A. R., de Amorim, P. R. A., & Reis, R. C. (2017). Hábitos alimentares e sedentarismo em crianças e adolescentes com obesidade na admissão do programa de obesidade do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza. *RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 11 (61), 39-46.

- Cubero, R., & Moreno, M. C. (1995). Relações sociais nos anos escolares: família, escola, companheiros. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*, 1, 250- citation_lastpage.
- Damiani, D., Damiani, D., L. Cominato. (2015). Avaliação da Obesidade na Infância e na Adolescência. In *Tratado de Obesidade* (pp. 581-604). (2.Ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan LTDA.
- Duré, M. L., Schwanke, N. L., Borges, T. S., Burgos, M. S., Garcia, E. L., & Krug, S. F. (2015). A obesidade infantil: um olhar sobre o contexto familiar, escolar e da mídia. *Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção*, 5 (4), 91- 196.
Disponível em:
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/epidemiologia/article/view/6072/4635>>.
Acessado em: 05 out. 19.
- Felippe, F. M. (2003). O peso social da obesidade. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 2 (1), 1-12.
- Freitas, C. R., Gunnarsdottir, T., Fidelix, Y. L., Tenório, T. R., Lofrano- Prado, M. C., Hill, J. O., & Prado, W. L. (2017). Effects of a psychological intervention on the quality of life of obese adolescents under a multidisciplinary treatment. *Jornal de Pediatria (Versão em Português)*, 93(2), 185-191.
- Gobbita, M. (2003). Escala multidimensional de auto-estima (EMAE): *Construção e validação com crianças e adolescentes brasileiro* (Tese de doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil)
- Gomes, M. A. M., & Boruchovitch, E. (2016). Motivation to Read Scale for Teenagers and Youngsters: Psychometric Properties. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32 (2), e32227.
- González Cabanach, R. & Valle Arias, A. (1998). Características afectivomotivacionales de los estudiantes con dificultades de aprendizaje. Em V. Santiuste Bermejo & J. A. Beltrán Llera (Orgs.), *Dificultades de aprendizaje* (pp. 261-278). España: Editorial Síntesis.
- Goya, A., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. É. R. (2008). Crenças de eficácia de professores e motivação de adolescentes para aprender Física. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12 (1), 5167.
- Graminha, S. S. V. (1994). A escala comportamental infantil de Rutter A2: estudos de adaptação e fidedignidade. *Estudos de Psicologia*, 11, 34-42.
- Kobes, A., Kretschmer, T., Timmerman, G., & Schreuder, P. (2018). Interventions aimed at preventing and reducing overweight/obesity among children and adolescents: a meta-synthesis. *Obesity Reviews*.
- Kovacs, M. (1992). *Children's depression inventory: manual*. Nova York: Multi-Health Systems.

- La Taille, Y., De Oliveira, M. K., & Dantas, H. (2019). Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Summus editorial.
- L'Écuyer, R. (1978). *Le concept de soi*. FeniXX.
- Leite, A.C, Ferrazzi, N.B., Mezadri, T., Höfelmann, D.A. Insatisfação corporal em escolares de uma cidade do Sul do Brasil. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum.* 2014; 24:54-61
- Lemos, J. M., & Batista, A. P. (2017). Relação entre autoconceito de crianças e estilos de liderança de professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21 (1), 53-63. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201702111069>
- Lipp, M. E.N., & Lucarelli, M. D.M. (2005). *ESI - Escala de stress infantil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, J. A. P., Rocha, M. B. S., Viana, C. M., & da Silva Pereira, E. (2018). Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças do ensino fundamental I na cidade de Boa Viagem-CE. *RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 12(70), 175-181.
- Mancini, M. C. (2015). *Tratado de Obesidade* (2.Ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan LTDA.
- Marsh, H. (2003). A reciprocal effects model of the causal ordering of academic selfconcept and achievement. University of Western Sydney, Australia.
- Maieski, S., de Oliveira, K. L., & Bzuneck, J. A. (2013). Motivação para aprender: o autorrelato de professores brasileiros e chilenos. *Psico-USF*, 18(1), 53-63.
- Maieski, S., Oliveira, K. L. D., Beluce, A. C., & Rufini, S. É. (2017). Motivação de alunos do ensino fundamental: estudo de duas realidades culturais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 601-608.
- Maieski, S., Oliveira, K. L., Beluce, A. C., & Rufini, S. É.. (2017). Motivation of elementary school students: study of two cultural realities. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 601-608
- McNeal, J.U. (2010). *Los Ninos Como Consumidores Productos Sociales Y Comerciales*. Disponível em: <<http://www1.paho.org/hq/dmdocuments/2010/Los-ninos-como-consumidores-productos-sociales-y-comerciales.pdf>>
- Ministério da Saúde. (2018) *Excesso de Peso e Obesidade*. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_promocao_da_saude.php?conteudo=excesso>. Acesso em: 05 out. 19.
- Ministério da Saúde. (2019) *O que o Índice de Massa Corporal (IMC) diz sobre sua saúde*. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/promocao-da-saude/53751-o-que-o-indice-de-massa-corporal-imc-diz-sobre-sua-saude>>. Acesso em: 02 dez. 19

- Miziara, A. M. B., & Vectore, C. (2014). Excesso de peso em escolares: percepções e intercorrências na escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18 (2), 283-291.
- Mosquera, J. (1997). Adolescência e provação. Porto Alegre: Sulina.
- Moura, N. C. (2010). Influência da mídia no comportamento alimentar de crianças e adolescentes. *Segurança Alimentar e nutricional*, 17 (1), 113-122.
- Neves, C. M., Cipriani, F. M., Meireles, J. F. F., Morgado, F. D. R., & Ferreira, M. E. C. (2017). Imagem corporal na infância: uma revisão integrativa da literatura. *Rev Paul Pediatr*, 35 (3), 331-9.
- Newcombe, N. (1999). Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen. (Cláudia Buchweitz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nogueira-de-Almeida, C. A., Garzella, R. C., da Costa Natera, C., Almeida, A. C. F., Ferraz, I. S., & Del Ciampo, L. A. (2018). Distorção da autopercepção de imagem corporal em adolescentes. *International Journal of Nutrology*, 11(02), 061-065.
- Obesity Day. (2017). Disponível em:
<<https://www.obesityday.worldobesity.org/fullscreenpage>>
- Oliveira, S. D., Caires, T. F., da Silva, E. F., da Silva, C. R., & Viana, S. D. L. (2019). Percepção da imagem corporal e atitudes alimentares de modelos em São Paulo. *RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 12 (76), 1157-1163.
- Oliveira, C. L., Fisberg, M. (2003). Obesidade na Infância e Adolescência: Uma verdadeira epidemia. *Arq Bras Endocrinol Metab* 47 (2), pp. 107-108.
- Oliveira, D. S., Silva, P. L. D., Alves, T. D. L., Natal, P. T., Dantas, G. D. S. V., Pereira, J. D. S., ... & Gondim, V. C. (2017). Percepção de adolescentes de uma escola municipal acerca da autoimagem corporal. *Rev. Soc. Bras. Clín. Méd*, 84-89.
- Oliveira, D. A. D. S. (2015). *Autoconceito, Autoestima e Rendimento Acadêmico em Alunos do 11º ano de Escolaridade nos Cursos de Ciências e Tecnologias e Cursos Profissionais* (Doctoral dissertation, [sn]).
- Oliveira, Maria Fernanda Cunha. (2015). *Motivação autônoma e controlada para leitura: um estudo com adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina.
- Oliveira, K. L., Maieski, S., Beluce, A. C., de Oliveira, G. T., & dos Santos, A. (2014). Propriedades psicométricas de uma escala de motivação e estratégia para aprender. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 13 (1), 95-103.

- Oliveira, M. F. C., Bzuneck, J. A., & Rufini, S. É. (2017). Motivação de adolescentes para leitura: estudo com a abordagem centrada na pessoa. *Psicologia da Educação*, (45), 67-76.
- Organização Mundial de Saúde. (2017). *Obesidade entre crianças e adolescentes aumentou dez vezes em quatro décadas, revela novo estudo do Imperial College London e da OMS*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5527:obesidade-entre-criancas-e-adolescentes-aumentou-dez-vezes-em-quatro-decadas-revela-novoestudo-do-imperial-college-london-e-da-oms&Itemid=820 >. Acesso em: 05 out. 19.
- Passos, D. R. D., Gigante, D. P., Maciel, F. V., & Matijasevich, A. (2015). Children's eating behavior: comparison between normal and overweight children from a school in Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. *Revista Paulista de Pediatria*, 33(1), 42-49.
- Paini, L. D., Eugênio, A. C., Pingoello, I., da Silva, R. S., & Gazola, S. (2018). Obesidade Infantil E Práticas De Bullying: Questões Para A Formação Docente. *Educere-Revista da Educação da UNIPAR*, 18(2).
- Pelegrini, A., Silva, R. C. R. D., & Petroski, E. L. (2008). Relação entre o tempo em frente à TV e o gasto calórico em adolescentes com diferentes percentuais de gordura corporal. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*, 10 (1), 81-4.
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA_O_FISICA/artigos/tv_gasto_calorico.pdf
- Piers, E. D., & Harris, D. B. (1996). *Piers-Harris children's self-concept scale: Revised manual*. Los Angeles: Counselor Psychological Tests, Western Psychological Services.
- Piers, E.V, Harris, D.B., Herzberg, D.S. (2002) *Piers-Harris children's self-concept scale – PiersHarris 2*. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Rentz-Fernandes, A. R., da Silveira-Viana, M., de-Liz, C. M., & Andrade, A. (2017). Autoestima, imagem corporal e depressão de adolescentes em diferentes estados nutricionais. *Revista de Salud Pública*, 19 (1).
- Reis, L. C. B., de Miranda, B. L. G., da Silva Caldas, E., da Silva, D. M. B., & de Araújo, M. L. (2018). Desempenho motor de alunos com obesidade em uma escola da rede municipal de São Luís-MA. *RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 11(68), 646-652.
- Rufini, S. E., Bzuneck, J. A., & Oliveira, K. L. de. (2011). Estudo de validação de uma medida de avaliação da motivação para alunos do ensino fundamental.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2017). *Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness*. Guilford Publications.

- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). *Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions*. *Contemporary Educational Psychology*, 25(1), 54-67
- Santos, A. M., & Scherer, P. T. (2014). Mídia e obesidade infantil: uma discussão sobre o peso das propagandas. *Revista FAMECOS*, 21(1), 208-223.
- Schiavoni, A., & de Cássia Martinelli, S. (2017). O autoconceito de estudantes aceitos e rejeitados no contexto escolar. *Psicologia argumento*, 30 (69).
- Serassuel Junior, H., Cavazzotto, T. G., Paludo, A. C., Zambrin, L. F., & Simões, A. C. (2015). The impact of obesity on the perception of self-concept in children and adolescents. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 17 (2), 165-174. <https://dx.doi.org/10.5007/1980-0037.2015v17n2p165>
- Severo, I. R. M & Kessboehmer, A. C. da Autodeterminação, A. T. (2017). Motivação dos alunos: reflexões sobre o perfil motivacional e a percepção dos professores. *Química Nova na Escola*, 39 (1), 75-82.
- Silva, K., Medeiros Silva, F., & Oliveira-Neto, L. (2017). Imagem corporal em adolescentes obesas: uma revisão. *RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 11(64), 217-223.
- Silva, V. L., Uller, C. M., Santos, J. D., & Rezende, F. A. (2017). ANÁLISE DA MOTIVAÇÃO DE PESSOAS: um estudo baseado em princípios da Hierarquia de Necessidades de Maslow. *Revista Foco*, 10(2), 148-166.
- Sisto, F. F. (2004). *Escala de traços de personalidade para crianças*. São Paulo: Vetor.
- Sisto, F. F., & Martinelli, S. C. (2004). *Escala de Autoconceito Infante – Juvenil (EAC- IJ)*. São Paulo, SP: Vetor.
- Sisto FF, Martinelli SC. (2006). O papel das relações sociais na compreensão do fracasso escolar e das dificuldades de aprendizagem. In: Sisto FF, Martinelli SC, eds. *Afetividade e dificuldades de aprendizagem*. São Paulo: Vetor.
- Souza, L.L, Guedes, E.P., Benchimol. A.K., (2015). Definições Antropométricas da Obesidade. In *Tratado de Obesidade* (pp. 52 – 67). (2. Ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan LTDA.
- Stein LM. (1994). *Teste de Desempenho Escolar: manual para aplicação e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stevanato, I. S., L., S. R., Linhares, M. B. M., & Marturano, E. M. (2003). Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, 8 (1), 67- 76. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000100009>

- Terres, N. G., Pinheiro, R. T., Horta, B. L., Pinheiro, K. A. T., & Horta, L. L. (2006). Prevalência e fatores associados ao sobrepeso e à obesidade em adolescentes. *Revista de saúde pública*, 40, 627-633.
- Tiggemann, M. & Wilsn-Barret, E. (1998). Children's figure ratings: relationship to self-esteem and negative stereotyping. *International Journal of Eating Disorders*, 23(1), 83- 88.
- Tolentino, T. M., de Matos Maia, M. D. F., Formiga, N. S., de Oliveira Sousa, B. V., & Melo, G. F. (2015). Modelagem estrutural fatorial e consistência interna da escala de autoestima de Rosenberg em adolescentes brasileiros. *Revista de Psicologia*, 6(2).
- Weiss, M. (1993). Psychological effects of intensive sport participation on children and youth: Self-esteem and motivation. In: Cahill, B. & Pearl, A. (Eds.). *Intensive participation in children's sport*. (pp. 39- 69). Champaign, IL: Human Kinetics.
- World Health Organization. (2016). About the Work of the Commission. Disponível em: < <https://www.who.int/end-childhood-obesity/about/en/>>
- World Health Organization. (2018). Obesity and overweight. Disponível em: < <http://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight> >
- Zambom, Francielle Barrinuevo. (2015). A qualidade Motivacional e a Produção de Texto na Escola. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Zanella, M. T., Filho, F.F.R. (2015). Avaliação da Composição Corporal. In *Tratado de Obesidade* (pp. 69-93). (2.Ed.) Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan LTDA.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário de Percepção Corporal

ANEXO I: QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO CORPORAL

Nome: _____

Idade: _____

Ano escolar: _____

Qual? _____

As questões que você responderá são uma série de perguntas sobre sua percepção corporal, mas quais você irá precisar escolher entre a alternativa “sim” ou “não”.

Exemplo:

Você gosta de comer pizza?

Sim Não

Você gosta de passear no parque?

Sim Não

Agora serão as questões que precisam ser respondidas de forma mais sincera possível:

1. Você considera sua alimentação saudável?

Sim Não
2. Você pratica alguma atividade física?

Sim Não
3. Você tem uma boa noite de sono?

Sim Não
4. Você gosta do seu corpo?

Sim Não
5. Você considera que está de acordo com os padrões corporais que a sociedade impõe?

Sim Não
6. Você se considera uma pessoa acima do seu peso?

Sim Não
7. Você gostaria de mudar alguma parte do seu corpo?

Sim Não
8. Você tem alguma ajuda em relação a como se sente com seu corpo?

Sim Não
9. A imagem que você tem de si mesmo interfere nas suas atividades escolares?

Sim Não
10. Você tem vergonha de se expor (falar, ficar na frente das pessoas) na escola?

Sim Não
11. Você gosta de atividades coletivas?

Sim Não
12. Você gosta de ir para a escola?

Sim Não
13. Você gosta da sua sala de aula?

Sim Não
14. Você se considera magro?

Sim Não
15. Você se considera gordo?

Sim Não
16. Você se sente pressionado por ter um corpo diferente do considerado normal?

Sim Não

Caso tenha respondido sim, em uma escala de 0 a 10 o quanto está satisfeito com seu peso corporal, sendo 1 insatisfeito e 10 muito satisfeito. Marque um X.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a):

Pedimos encarecidamente sua permissão para convidar o adolescente sob sua responsabilidade a participar da pesquisa que tem como nome *Motivação e Autoconceito de Alunos com Sobrepeso Corporal no Ensino Fundamental II* que tem como objetivo levantar e descrever o nível de motivação em alunos no Ensino Fundamental II; investigar a percepção dos alunos acerca do próprio corpo; analisar possíveis diferenças entre os alunos por ano escolar; verificar se há relação entre o construto motivação, autoconceito e a percepção acerca da obesidade e avaliar se a percepção corporal de obesidade prediz a motivação para aprender. Esta pesquisa acontecerá em sua própria escola, respondendo a três instrumentos. A primeira são perguntas a respeito da sua percepção corporal, o segundo investigará sobre a motivação dele perante a escola e por último, o autoconceito em relação a seu contexto social. A participação o adolescente é muito importante e será realizada de forma coletiva em sala de aula, com duração de no máximo 30 minutos.

Esclarecemos que a participação do adolescente é voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação do adolescente a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo ao adolescente. Esclarecemos, também, que as informações do adolescente sob sua responsabilidade para os fins desta e de outras pesquisas futuras e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, seu nome não será utilizado em qualquer fase do trabalho e os dados serão de conhecimento apenas do pesquisador e do (a) professor(a) supervisor(a).

Esclarecemos ainda, que nem o(a) senhor(a) e nem o adolescente sob sua responsabilidade pagarão ou serão remunerados (as) pela participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente da participação.

Os benefícios desta pesquisa serão a produção de um novo conhecimento dentro da questão motivacional escolar e sua relação com a obesidade infantil. A pesquisa não tem intuito de prejudicar os participantes, e pensando nisso, será pontuado de forma clara que a participação do menor poderá ser interrompida por ele a qualquer momento durante a aplicação dos instrumentos, esclarecendo todas as dúvidas necessárias. Caso

haja algum desconforto ou intercorrências a pesquisadora oferecerá atendimento psicológico aos mesmos.

Ao final da pesquisa informaremos a escola dos resultados obtidos, também, colocamo-nos a disposição para fornecer orientações a respeito dos temas da pesquisa e prestar quaisquer informações pertinentes. Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar: Pesquisadora responsável: Flávia Gabriela Meserlian, Rua Quem – Quem , 208 – Arapongas/ Paraná (43) 99929-3111, flaviiagabriela@gmail.com ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371- 5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Londrina, ____ de _____ de 2018.

Flávia Gabriela Meserlian RG:
9.713.703-0

Campo direcionado ao responsável pelo participante menor de idade:

<p>_____ (NOME POR EXTENSO DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo com a participação voluntária do adolescente sob minha responsabilidade na pesquisa descrita acima.</p> <p>Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____</p> <p style="text-align: right;">Data: _____</p>

<p>Assentimento Livre e Esclarecido do Adolescente</p> <p>_____ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido totalmente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.</p> <p>Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____</p>

ANEXOS

ANEXO A
Questionário de *Continuum* Infantil

QUESTIONÁRIO DE CONTINUUM INFANTIL

Gênero () masculino

() feminino

Idade ____ anos

série _____ Escola _____

Assinale abaixo, de um a cinco, como você pensa que está o seu desempenho na escola neste ano.

Exemplo:

Por que você vai ao parque?

1. Eu vou ao parque porque é divertido.

1

2

3

4

5

2. Eu vou ao parque para comer pipoca.

1

2

3

4

5

Por que venho à escola?

1. Não sei, acho não tem nada para se fazer na escola.

1

2

3

4

5

2. Tenho preguiça de ir à escola.

1

2

3

4

5

3. Venho à escola porque meus pais querem que eu venha.

1

2

3

4

5

4. Venho à escola porque meus pais mandam.

1

2

3

4

5

5 Venho à escola porque sinto prazer em aprender coisas novas.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

6 Se eu não vier à escola meus pais ficam tristes, chateados.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

7 Venho à escola para não ficar em casa.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

8 Não sei porque venho, eu acho a escola chata.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

9 Venho para não me chamarem de burro.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

10 Não sei porque eu venho à escola, eu não gosto.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

11 Venho à escola porque meus pais ficam alegres.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

12 Venho à escola para responder à chamada.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

13 Venho à escola porque é aqui que se aprende.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

14 Venho à escola para não receber faltas.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

15 Venho porque eu gosto de vir à escola

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

16 Venho à escola para aprender.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

17 Não tenho vontade de vir à escola.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

18 Venho porque fico feliz quando estou na escola.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

19 Venho para a escola porque é importante para o meu futuro.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4	5

20 Venho à escola para aprender mais.

1

2

3

4

5

21. Venho à escola para ser alguém na vida.

1

2

3

4

5

22. Venho à escola porque me sinto bem aqui.

1

2

3

4

5

23. Venho à escola para não reprovar.

1

2

3

4

5

24 Venho à escola porque senão meus pais ficam bravos comigo.

1

2

3

4

5

25 Venho à escola porque acho legal aprender.

1

2

3

4

5
